

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**RODRIGO SILVA JARDIM**

**O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL E OS EFEITOS  
DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NO SUJEITO SOLDADOR  
PARANAENSE**

**Curitiba**

**2009**





**RODRIGO SILVA JARDIM**

**O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL E OS EFEITOS  
DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NO SUJEITO SOLDADOR  
PARANAENSE**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como requisito à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Silvia Maria de Araújo**

**Curitiba  
2009**



**RODRIGO SILVA JARDIM**

**O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL E OS EFEITOS  
DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NO SUJEITO SOLDADOR  
PARANAENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado para a obtenção do título de Mestre em Sociologia pelo Departamento de Ciências Sociais do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvia Maria Araújo (Orientadora)**  
**Universidade Federal do Paraná**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Aparecida Bridi**  
**Universidade Federal do Paraná**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Benilde Lenzi Motim**  
**Universidade Federal do Paraná**

Curitiba, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria, nesse primeiro momento, de agradecer à Universidade Federal do Paraná, na pessoa do Coordenador da Pós-Graduação, prof. Dr. José Miguel Rasia, e aos demais profissionais do departamento que me concederam a oportunidade de fazer parte dessa instituição.

Ao órgão de fomento à pesquisa CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) que sem seu apoio se tornaria inviável minha participação nesse programa.

Aos colegas de mestrado que possibilitaram um intercâmbio de idéias e valores acima do esperado, mas, principalmente, pelo companheirismo e a amizade que transcendem o espaço acadêmico na figura dos colegas Michelli Stumm, Fábio Pendiuk e Mauro Rehbein, grandes amigos.

Por fim gostaria de manifestar minha gratidão às pessoas que foram fundamentais para a realização desse trabalho dissertativo como a minha orientadora Sílvia Araújo pelo profissionalismo e dedicação nesse tempo em que estivemos em contato, além de uma profunda admiração pelo seu trabalho, aos soldadores que pela iniciativa e coragem contribuíram para o entendimento das relações sociais no ambiente industrial e a minha família e namorada, meus grandes companheiros de viagem, sobretudo a minha mãe, símbolo de retidão de caráter e sinônimo de luta. Obrigado mãe por tudo!!!

**De nada serve partir das  
coisas de sempre, mas sim  
das coisas novas e ruins.**

**Bertolt Brecht**

## RESUMO

SILVA JARDIM, Rodrigo. **O Processo de transformação industrial e os efeitos da reestruturação produtiva no sujeito soldador paranaense.** Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009.

Esse estudo parte metodologicamente de uma perspectiva dedutiva, onde a crise da modernidade e as mudanças no mundo do trabalho impulsionam a sociedade a modificar as formas de produzir bens materiais, levando o operário a uma condição flexível de trabalho. O ideário moderno e a falsa idéia de que o período iluminista traria consigo a liberdade e desenvolvimento social se mostrou ineficaz, levando a outras formas de dominação da classe trabalhadora. Encarado como processo, as mudanças sucessivas na história da indústria moderna desde o advento do Taylorismo e as sucessivas formas de produção que atravessaram o século XX também fizeram parte da análise, tendo como foco principal o significado das mudanças no chão de fábrica e seus reflexos nas relações sociais em sua época e contexto. Transformações no ambiente da solda anterior a reestruturação produtiva no Brasil e a adoção na planta de duas empresas multinacionais produtoras de veículos em relação ao ofício da solda nos termos dessa reestruturação no estado do Paraná fazem parte do estudo. E por fim, o objeto de estudo, ou seja, o sujeito soldador de Curitiba e Região Metropolitana (RMC) que através de entrevistas pode transmitir elementos que caracterizaram a sua fala em torno, primeiro, de um sentimento ambivalente em relação a sua condição de trabalho e finalmente evidenciaram o caráter invasivo de sua subjetividade, imposta por um regime de trabalho, cuja responsabilização e o controle técnico sobre a atividade da solda são elementos marcantes da atividade hoje nessas duas empresas pesquisadas.

**Palavras-chave:** reestruturação produtiva; sociologia do trabalho; sistema de produção flexível; sujeito soldador; ambivalência.



## **ABSTRACT**

SILVA JARDIM, Rodrigo. **The process of industrial transformation and the effects of the restructuring of production in the welder subject from Paraná.** Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009.

This study is methodologically a deductive approach, where the modernity crisis modernity and the changing world of work pushing the society to change the ways of producing material goods, prompting the worker to a flexible working conditions. The modern ideas and the false idea that the Enlightenment would bring freedom and social development has proved ineffective, leading period to other forms of domination of the working class. Facing as a process, the successive changes in the history of modern industry since the advent of Taylorism and the successive forms of production that went through the twentieth century were also part of the analysis, focusing on the main significance of the changes on the factory floor and its impact on social relations in its time and context. Changes in the environment of welding prior to productive restructuring in Brazil and the adoption of the plan from two multinational companies producing vehicles in relation to the craft of welding in accordance with that restructuring in the state of Paraná are part of the study. Finally, the object of study, that is, the welder subject and Curitiba Metropolitan Region (CMR) through interviews that can transmit elements that characterized his speech around, first, a feeling ambivalent about his condition work and finally revealed the pervasiveness of his subjectivity imposed by a way of work, the accountability and technical control over the activity of the weld are main features of the activity today in these two companies surveyed.

**Keywords:** restructuring process; sociology work, flexible manufacturing system; welder subject; ambivalence.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
O MUNDO DO TRABALHO: SUJEITO E SOCIEDADE DO CONTEXTO PRODUTIVO MODERNO .....	9
<b>CAPÍTULO I – A CRISE DA MODERNIDADE E AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO</b> .....	13
1.1 O IDEÁRIO MODERNO E O ARDIL DA EMANCIPAÇÃO HUMANA .....	13
1.2 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA MODERNIDADE: TAYLORISMO, FORDISMO E ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL .....	28
<b>CAPÍTULO II – REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E A TRANSFORMAÇÃO DO AMBIENTE DA SOLDADARIA NA PRODUÇÃO DE VEÍCULOS</b> .....	38
2.1 A MODERNIDADE BRASILEIRA E PARANAENSE E SUAS FASES INDUSTRIAIS .....	38
2.2 O PROCESSO DA SOLDADARIA: ENTRE O FORDISMO E A PRODUÇÃO <i>JUST-IN-TIME</i> .....	42
2.3 O CARÁTER HÍBRIDO DA PRODUÇÃO DE VEÍCULOS E O CONTROLE TECNOLÓGICO SOBRE O SOLDADOR .....	51
<b>CAPÍTULO III – A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA COMO PROBLEMA SOCIAL</b> .....	61
3.1 O SUJEITO: ASPECTOS DA CONDIÇÃO DE TRABALHO .....	61
3.2 TRATANDO O SUJEITO SOLDADOR SOB UMA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA .....	65
3.3 O SUJEITO FLEXÍVEL E O CARÁTER INVASIVO DA SUA SUBJETIVIDADE .....	78
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	83
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	85
<b>ANEXOS</b>	
ANEXO A – Itens de mudança na soldagem de automóveis (empresa B) .....	89
ANEXO B – Matéria jornalística referente a suicídios na empresa Renault .....	90
<b>APÊNDICE</b>	
APÊNDICE A – Roteiro de entrevistas .....	91

## **INTRODUÇÃO**

### **O mundo do trabalho: Sujeito e sociedade no contexto produtivo moderno**

O interesse pelo tema surgiu no convívio com soldadores da região metropolitana de Curitiba, entre os anos de 2005 e 2006, quando acompanhamos os relatos desses trabalhadores em relação às suas atividades profissionais e às situações de trabalho relatadas.

Estes profissionais trazem em suas falas elementos que ainda instigam muitos pesquisadores ao aprofundamento analítico, que, em síntese, oscilam entre uma condição ambivalente de vida, pois no mesmo instante que pertencem a uma elite operária, com nível econômico que supera outros profissionais do mesmo ramo, em empresas de menor porte, esta mesma condição de trabalho imprime um caráter singular a esse sujeito soldador nas duas empresas pesquisadas.

No decorrer da análise bibliográfica, a impressão de que o ambiente fabril na era moderna se constituiu no capitalismo como laboratório das relações sociais, que influencia os demais setores da sociedade na medida em que a condição de flexibilidade destes profissionais, juntamente com a imposição de uma determinada forma de produção de veículos em uma área estratégica da utilização da mão de obra, é determinante. Nesse sentido, o papel do soldador na indústria de alta tecnologia é, em grande medida, uma importante síntese do atual processo de transformação pelo qual passam os trabalhadores e, por conseguinte, a sociedade mundial.

Entender como em diferentes fases do período moderno no que condiz à organização do trabalho vem provocando mudanças e que passam ao longe de uma condição favorável para o trabalhador em questão torna-se de fundamental importância, pois para o profissional da solda, a realidade se mostra dura, na medida

em que o grau de intensidade no exercício da função profissional em geral cresce paulatinamente, com taxas de desemprego muito acentuadas, seja em países centrais onde são difundidas as técnicas e processo de produção atuais, assim como em países periféricos e em fase de desenvolvimento como o Brasil.

Por isso, a importância da singularidade do trabalhador da solda e a sua relação estabelecida pela forma de produção enxuta que exige dele a sua total capacidade de atuação é que surge um questionamento: Que tipo de relações sociais está sendo forjado no universo da reestruturação produtiva? Como se veem obrigados os soldadores a cumprirem as exigências da produção de modo que um conjunto de ações destes sujeitos afeta significativamente a subjetividade sempre em nome de uma produtividade?

A informação que envolve esse questionamento diz respeito à nova lógica da organização do trabalho, em que a exigência, que se fundamenta no ideal de um soldador adaptado às flutuações da produção deixa ao sujeito uma única alternativa representada pela multifuncionalidade. Sendo assim, as operações essenciais giram em torno, no caso específico da solda, dos robôs que ditam a intensidade e o ritmo, reduzindo ao máximo o tempo de não-produção.

A reestruturação produtiva como fato social relevante ocorre há três décadas, devido ao processo produtivo que passa por elementos pretensamente banais, como a diminuição da vida útil dos produtos, fazendo com que tenhamos automóveis em condições de durabilidade inferiores a veículos fabricados em outras épocas, assim como o surgimento, a cada semestre, de novos modelos de veículos, pois, muitas vezes, nem assimilamos o modelo que foi substituído e o desejo insaciável pelo novo sazonalmente vem a tona.

Em meio a esse alvoroço, encontramos o operário, o soldador tendo que buscar no dia a dia de trabalho a superação dos seus limites para fazer frente a essas necessidades, se configurando, dessa forma, a reestruturação produtiva como um fenômeno que se dá no interior da sociedade e que se faz presente como algo que assume um grande interesse social.

Certa vez Durkheim (2003) nos informa que todo indivíduo come, bebe, raciocina, e a sociedade em geral tem todo o interesse que assim ocorra, no entanto, se esses fatos fossem considerados sociais, a sociologia não teria objeto próprio e seu domínio se confundiria, por exemplo, com a psicologia.

Assim sendo, a reestruturação produtiva, como objeto sociológico, apresenta características muito peculiares que, com o passar de décadas, maneiras de agir e pensar exteriores ao indivíduo são dotadas de um poder de coerção em virtude dos quais esses fatos se impõem nas relações sociais de produção, mas que, atualmente, permeia toda a sociedade.

Dessa forma, as estratégias que serão utilizadas para a abordagem empírica do objeto e que, em um segundo momento, deverá ser articulado ao quadro teórico adotado no presente estudo, assumem parâmetros do método dedutivo à medida que um exame das condições sociais em desenvolvimento se torna importante na avaliação da era considerada moderna, no contexto de perda de um referencial de modelo social mais eficaz no que condiz à parte majoritária da população.

O procedimento utilizado na coleta do material empírico teve como instrumento a realização de entrevistas de cunho qualitativo no sentido de apreender o processo de produção dos soldadores, bem como a impressão que ambos possuíam de suas atividades no âmbito profissional e a influência desta atuação na vida fora do chão de fábrica.

O processo de mudança pelo qual passa a sociedade atualmente ao substituir uma ideologia que tinha algo estabelecido em relação a uma crença inabalável no progresso, por outra que não vê com bons olhos essa perspectiva, explica, de certa maneira, o fato de não serem simplesmente os elementos ideológicos no contexto sociológico de desenvolvimento adotado nesse período.

A proposta dedutiva de análise do objeto de estudo fortalece essa afirmação, pois encontra espaço à medida que analisamos o conteúdo da modernidade e o fenômeno da crise em seu contexto, para, em um segundo instante, evidenciarmos o impacto da reestruturação produtiva e a maneira com que as mudanças afetam os soldadores e, por fim, o sujeito, trabalhador formal da solda, e como este se vê em meio a uma ordem produtiva, que traz consigo alguns elementos importantes para o debate no mundo do trabalho.

A idéia a ser debatida refere-se à desconstrução da imagem tradicional de homem criada e que as pessoas frequentemente falam e pensam em relação aos conteúdos de indivíduos e sociedade como se fossem dois fenômenos com existência separada – dos quais, além disso, um é com frequência considerado “real” e outro “irreal” – em vez de dois aspectos diferentes do mesmo ser humano (ELIAS, 1994b, p.235).

A justificativa de abordar a questão do sujeito na modernidade incide no aspecto de que a classe trabalhadora perde espaço de atuação no mundo, dado o desgaste sofrido em termos econômicos e sociais nas últimas décadas e com um novo ordenamento social com base no tecnicismo e no rígido controle imposto à classe no que se refere aos laços de solidariedade que se despedaçam.

Contudo, estamos longe de uma visão saudosista do passado, por isso examinar as relações de produção e identificar elementos no chão de fábrica que impossibilitam qualquer atitude que se oponha à ordem estabelecida merecem o devido destaque.

## **CAPÍTULO I - A CRISE DA MODERNIDADE E AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO**

### **1.1 O IDEÁRIO MODERNO E O ARDIL DA EMANCIPAÇÃO HUMANA**

A modernidade surge nos séculos XVI - XVII com a expansão colonial e marítima européia, proporcionando o desenvolvimento de um tipo particular de civilização, cujos pilares dessa fase pela qual passou a sociedade se encontravam nas noções de razão e indivíduo amplamente articuladas. Entendida como um ideário que está relacionado em diversos momentos da Idade Contemporânea, a modernidade se consolida com a Revolução Industrial, estando intrinsecamente relacionada com o desenvolvimento do capitalismo e se legitima por representar uma formação social que não se justifica somente pelo passado.

Esse passado, cuja legitimidade está relacionada às práticas sociais é o que se chama tradição. Um contraste entre tradição e transição é inerente à idéia de modernidade, muito embora algumas combinações entre o moderno e o tradicional possam ser encontradas, atualmente, nos cenários sociais concretos.

Nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados, pois contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um modo de integrar o monitoramento da ação com a organização tempo-espacial da comunidade, como também

[...] não é inteiramente estática, porque tem que ser reinventada a cada nova geração, conforme esta assume sua herança cultural sem precedentes”, contudo, a tradição não só resiste à mudança como pertence a um contexto de poucos marcadores temporais e espaciais, cujos termos de mudança podem assumir alguma forma significativa (GIDDENS, 1991, p. 44).

Com o advento da modernidade, a reflexividade<sup>1</sup> assume um caráter diferente, pois ela é interrogada na própria base do sistema, de forma que o pensamento e a ação estão constantemente refratados entre si. A rotinização da vida cotidiana não tem ligação intrínseca com o passado, ou seja, com aquilo que foi denominado tradição. Por vezes, a modernidade é marcada por um apetite pelo novo, embora essa proposição não seja totalmente precisa. O que é característico

---

<sup>1</sup> Característica definidora de toda ação humana. Na vida moderna encontra significado no potencial dos indivíduos analisarem, em profundidade, o impacto de suas escolhas e decisões estando diretamente envolvida com a contínua geração de autoconhecimento sistemático (GIDDENS, 1991, p.43-51).

da modernidade não é uma adoção do novo por si mesmo, mas a suposição de uma reflexividade indiscriminada.

A hipótese de que, somente no final do século XX, se começa a pensar o quanto é perturbador a perspectiva que, em síntese, significa a substituição da tradição pela razão, quando esta trazia consigo uma sensação de certeza maior do que era propiciado pelo dogma anterior faz sentido. Sendo assim, a crescente intensificação do ato cognitivo acaba na modernidade subvertendo a razão, mas o problema está em que grande parte do mundo que é inteiramente constituído através do conhecimento reflexivamente aplicado não está nunca seguro, e qualquer elemento dado desse conhecimento será passível de revisão (Ibid., p. 46).

Segundo David Harvey (2003, p.22), a vida moderna, como fase de transição está permeada pelo sentido do fugidio, do efêmero, do fragmentário e contingente, havendo nesse sentimento algumas consequências. A mais importante delas encontra significado no instante em que a modernidade não pode sequer respeitar o próprio passado, ocasionando a transitoriedade das coisas, dificultando a preservação de todo sentido de continuidade histórica. Por conseguinte, a modernidade não apenas envolve uma implacável ruptura com todas e quaisquer condições históricas precedentes, caracterizando-se pelo interminável processo de rupturas e fragmentações internas.

A consolidação do período moderno por intermédio do capitalismo, mas principalmente com o surgimento da Revolução Industrial, que tem por característica a passagem da manufatura à indústria mecânica pela introdução de máquinas fabris, acabou por multiplicar o rendimento do trabalho e consequentemente aumentando a produção global levando a Inglaterra à vanguarda dessa fase em 50 anos em relação ao continente europeu.

Anterior ao processo de desenvolvimento mais intenso da industrialização, a invenção de máquinas e mecanismos, como a máquina a vapor, a fiandeira mecânica e o tear mecânico causou uma revolução produtiva. Com a aplicação da força motriz às máquinas fabris, a mecanização se difunde na indústria têxtil e na mineração. Dessa maneira, as fábricas passaram a produzir em série, surgindo a indústria pesada (aço e máquinas) e com a presença de navios e locomotivas a vapor, levando a aceleração, bem como uma circulação maior de mercadorias. (FONTANA, 1997, p.187).



Como esse conjunto de mudanças produtivas, Habermas (1975, p. 305) afirma que o ideário moderno se baseia fundamentalmente na tese de que o homem é o que ele realiza, levando, em sua forma mais ambiciosa, a uma correspondência cada vez mais intrínseca entre a produção e a própria organização da sociedade. O ato de produzir de maneira mais eficaz, com o incremento da ciência e tecnologia, se institucionaliza, levando a uma “racionalização” progressiva, contudo o aparato técnico-científico se configura como elemento que legitima o mundo contemporâneo.

Atualmente, com a organização da sociedade regulada pelas leis em um ambiente democrático, fomentou-se no indivíduo a vontade de se libertar de todas as opressões e a correspondência da ação humana e a ordem do mundo moderno.

Subvencionado ao triunfo da razão, esse novo sujeito da modernidade tem como função principal animar a ciência e suas aplicações, além de comandar a adaptação da vida social às necessidades individuais ou coletivas e, em virtude dessas implicações, substitui a violência pelo Estado de direito, e, posteriormente pelo mercado.

Portanto, a humanidade se desenvolve segundo suas leis, avançando hoje para um abismo social, que sobre a falácia da liberdade, cada vez mais se percebe um mundo dividido entre o norte, onde reina a simples reprodução tecnológica como mecanismo de dominação e o sul com os povos que se enredam na interminável angústia de uma identidade perdida (TOURAINE, 2002, p.12).

Há que considerar, segundo Alain Touraine (Ibid., p. 13), uma contingência no mínimo inusitada e merecedora de debate: o triunfo das concepções racionalistas da modernidade que, em última instância, promoveu “a dissociação completa do sistema e dos atores, do mundo técnico ou econômico e do mundo da subjetividade”.

A principal consequência da dissociação entre o sistema e os sujeitos na modernidade decorre da cisão que se verifica entre a vida pública e a vida privada, ocasionando a supremacia de poderes que só serão definidos em termos de gestão e de estratégia. Como a maioria das pessoas se inclui no espaço privado, deixa um abismo onde outrora existira o espaço público, presente no ambiente político e social, no qual inclusive nasceram as democracias modernas.

Reconhecidamente, na concepção clássica da modernidade, há um vigor, uma violência que se configurou no seu desenvolvimento revolucionário com apelo à liberdade, assim como rejeitando compromissos com as formas tradicionais da

organização social e da crença cultural. Emergiu a necessidade de um homem e um mundo novo que voltassem às costas para a tradição, enfatizando a confiança na razão e dando uma importância primordial ao trabalho, à organização da produção e à impessoalidade das leis.

A modernidade, por conseguinte, não apenas envolve uma ruptura com todas e quaisquer condições históricas precedentes, caracterizando assim, um processo de fragmentação. Esse período representou uma vanguarda, desempenhando um papel vital na história ao interromper todo sentido de continuidade através de alterações, recuperações e repressões radicais.

Nenhum ambiente retrata a noção exata da modernidade e seus reflexos como a indústria. No chão da fábrica, pode-se perceber, através dos séculos, a mudança no ato de produzir, desde a separação entre concepção e execução, que têm como base o trabalho simples e fragmentado do sistema fordista até o fenômeno recente da reestruturação produtiva, que, para fazer frente às limitações sociais e técnicas do próprio fordismo se obriga a reformular o modelo produtivo.

Nas últimas décadas, apesar do retrocesso dos postos de trabalho na indústria ser alarmante, ainda assim esse setor se apresenta como um dos principais laboratórios das relações sociais, tendo como ponto de irradiação dessas mudanças a forma de se produzir. A vida, nesse período, está de fato permeada pelo sentido do efêmero e do fragmentário e acaba por influir negativamente na transitoriedade de questões que dizem respeito, por exemplo, à preservação de conquistas sociais, como é o caso dos operários no Ocidente.

Atualmente, a dificuldade se verifica em estabelecer algum equilíbrio entre o Estado, mercado e sociedade civil. Contudo, é importante não menosprezarmos as experiências que a história nos mostrou, no entanto, as mudanças sociais assumem uma contingência própria e analisar esse turbilhão de mudanças e as contínuas adaptações às quais o trabalhador está sujeito, talvez seja a forma mais acertada de olhar o mundo do trabalho sob um novo ponto de vista.

Nesse sentido, os cientistas sociais da fase clássica ainda hoje são fundamentais. Tanto para Max Weber (1999), Émile Durkheim (1999) e Karl Marx (2004) a questão do trabalho é percebida como um tema importante para a reflexão das formas de estruturação e da dinâmica das relações sociais, embora a abordagem da temática assuma diferentes perspectivas.

Um exemplo da importância do trabalho está na própria natureza humana, sendo assim a utilização do trabalho para a satisfação das necessidades é condição essencial. Ao codificar a realidade, Weber percebe homens com o “espírito do capitalismo”, que se tornam grandes atores da sociedade descrita sob a égide moderna, em que o processo de trabalho é muito diferente do que havia anteriormente, contudo, o homem da modernidade é fruto de uma ascese fundamentada no lucro; como protótipo do empreendedor capitalista não utilizou uma técnica de vida, mas uma ética peculiar.

A religião, nesse sentido, estabelece uma estreita relação com os domínios da vida social e contribuiu para formar um conjunto de referências morais de valores e costumes que passa a dominar o dia a dia das pessoas, conceitualmente, denominado *ethos*. Max Weber evidenciou essa perspectiva, no sentido de como a espiritualidade e a religião se encarnam no tecido social, modificando as relações sociais (LABARTE-TORLA, 1999, p. 260).

Com a supremacia da lógica capitalista engendrada por esses atores sociais, ou seja, os representantes do novo *ethos* onde: “o homem é dominado pela produção do dinheiro, pela aquisição encarada como finalidade última da vida”; a aquisição econômica não está mais subordinada ao trabalhador como meio de satisfazer suas necessidades materiais, pois “ganhar dinheiro dentro da ordem econômica moderna é, enquanto for feito legalmente, o resultado e a expressão de virtude e eficiência e uma vocação” (WEBER, 1999, p.33).

Mesmo assim, o capitalismo não teve o caminho livre para o seu desenvolvimento. O contraponto a esse sistema está representado por certa dose de tradicionalismo, barreira essa representada parcialmente pelos trabalhadores avessos a uma nova sistematização do trabalho, juntamente com a racionalização do espaço e o advento do salário, bem como a implantação de uma disciplina no trabalho e o aumento da produtividade, levando à estagnação dos salários.

A racionalização e a intelectualização crescentes na vida moderna abrem espaço para uma consequência decisiva, sobre a qual Weber insiste: o que singulariza o universo em que vivemos é o desencantamento do mundo. Todavia, com o progresso científico, o homem perde o sentido profético, sobretudo o do sagrado, o mundo real se torna aborrecido, utilitário e cansativo, além de deixar nas almas um grande vazio que elas tentam preencher com a agitação e toda a espécie de artifícios e sucedâneos (FREUND, 2003, p. 23).

A observação se confirma à medida que o processo de racionalização, no campo da ciência e da organização econômica, determina uma parte importante dos “ideais da vida” da moderna sociedade burguesa, tendo o trabalho a serviço de uma organização racional para o abastecimento de bens materiais à humanidade.

Em virtude das questões colocadas acerca do ideário moderno, tem-se apresentado aos representantes do espírito do capitalismo a satisfação material pelo poder econômico como uma das mais importantes finalidades da vida profissional (WEBER, 1999, p. 50). Sendo assim, é lícito afirmar que o desenvolvimento desse espírito do capitalismo se tornou parte integrante de um desenvolvimento da razão como um elemento intrínseco da sociedade, tornando-se vital à apreensão dos problemas básicos da vida.

A proposta que defendia a fuga do período medieval, ao mesmo instante que denunciava a opressão do homem sob a metáfora da escuridão, propondo a luz, a liberdade e o livre arbítrio, poderia parecer perfeita à história para um momento de transição social. No entanto, valores como liberdade, individualismo e a idéia de progresso não possuem, nesse início de milênio, a mesma força de outrora.

Algumas considerações ligadas ao pensamento clássico da sociologia, como a de que o indivíduo é fruto da sociedade e não o contrário devem ser relativizadas. Todavia, abre-se a perspectiva de uma análise sobre a modernidade e a relação existente entre razão e o sujeito.

A racionalização é um conceito que cumpre um papel fundamental para o entendimento de tipos sistemáticos e repetidos de comportamento quanto à adequação de meios e fins, que, segundo Weber (1999), assume no Ocidente o seu lado mais extremo. Entretanto, a ampliação de setores sociais submetidos a padrões de decisão racional se evidencia na indústria e sua forma de organizar-se para a produção. O esteio dessa racionalidade se encontra progressivamente associado à institucionalização do progresso científico e do técnico.

À medida que a técnica e a ciência penetram em setores da sociedade, transformam as instituições, desmontando antigas concepções representadas pela tradição, fazendo com que a secularização e o “desenfeitiçamento” das imagens do mundo orientem o agir e a tradição cultural, determinando a contrapartida de uma “racionalidade” crescente do agir racional (HABERMAS, 1975, p. 303).

Essa racionalidade determina a forma da atividade econômica capitalista, das relações de direito privado burguês e, sobretudo, da dominação burocrática, mas o que vem ao encontro do interesse do objeto de estudo, refere-se à importância dessa contingência do capitalismo em relação à “industrialização do trabalho social” – expressão de Habermas. Em consequência, padrões de ação instrumental penetram em outros domínios da vida, seja na urbanização dos modos de viver, seja como se estabelece a comunicação entre indivíduos.

As relações sociais, nesse período de radicalização dos efeitos da modernidade, assumem uma conotação que, em nosso entendimento, privilegiam um outro olhar para a concepção de sujeito, no sentido de uma tomada de consciência de si e do mundo no qual esse sujeito está inserido. Ao mesmo tempo, outra categoria – o indivíduo – se apresenta como elemento básico de distinção e mantém latente o desejo de libertação das armadilhas que ainda aprisionam o homem na modernidade vigente.

Grande parte da inexistência de uma modernidade sem racionalização, como também sem formação de um sujeito no mundo do trabalho, responsável por si e pela sociedade, evidencia-se na noção de indivíduo colocada pelo liberalismo clássico, que retira a condição analítica da situação da sociedade hoje e dificulta compreender a fase em que se encontra o mundo do trabalho.

A perspectiva assumida pelo autor clássico, Émile Durkheim (1999), aponta o trabalho como categoria central, visando a determinar a causa do desenvolvimento da divisão do trabalho nas sociedades modernas. Tratando esse fenômeno como algo essencialmente social, demonstra que a divisão social só pode ser explicada por outro fenômeno social, ou seja, ela é o elemento central da coesão social, pensada como o homem sendo um produto da sociedade e não ao contrário.

A relação que se estabelece toma a forma de um contrato social, pois o indivíduo, para Durkheim, é o elemento privilegiado da ética social. Um traço importante dessa concepção se baseia na solidariedade como a marca da relação entre os indivíduos. Sendo assim, os laços de solidariedade são a base da vida moral, em que “(...) independentemente de quais sejam a origem e o objetivo último da moral, é certo que ela é uma ciência da vida; acima de tudo ela tem a função de tornar possível às pessoas viverem juntas” (DURKHEIM, 2003, p. 29).

Já em Marx, a perspectiva em debate é a sociedade em uma situação histórica específica. Essa sociedade se constitui superando a antiga sociedade minando suas bases, subvertendo-a. Desse modo, a análise da sociedade capitalista aponta certa lógica da ação dos homens associados para sobreviver e reproduzir materialmente a sociedade. Embora a noção de trabalho ocupe um lugar importante em sua teoria, essa não é construída em torno de tal noção. Todavia, a noção de trabalho encontra seu lugar no conjunto da crítica da economia política para tornar inteligível a complexidade do capitalismo (SPURK, 2005, p.192).

Marx evidencia que, ao trabalhar, o homem se exterioriza e se objetiva no produto do seu trabalho. Torna-se um apêndice das coisas que ele mesmo e seus pares produziram, e essas mesmas coisas dominam a consciência dos agentes da produção, trabalhadores e capitalistas. Portanto:

[...] todas estas conseqüências derivam do fato de que o trabalhador se relacionar com o produto do seu trabalho como a um objeto estranho. Com base nesse pressuposto, é claro que quanto mais o trabalhador se esgota a si mesmo, mais poderoso se torna o mundo dos objetos, que ele cria diante de si mesmo, mais pobre ele fica na sua vida interior, menos pertence a si próprio (MARX, 2004, p.112).

A observação que Marx faz de que ao produzir o operário fica a mercê da magnitude do mundo dos objetos e isto estando ligado ao esgotamento físico e psicológico, assume uma relevância sem precedentes em um contexto flexível de produção de veículos na atualidade.

Ao cotejar o pensamento de autores clássicos, assim como de autores da atualidade como: Touraine (1998-2003) e Habermas (1975) fica a imagem nítida de que o homem criou para si próprio uma armadilha, pois, na contingência entre o efêmero e o eterno, o sujeito moderno encontra-se em uma posição ambígua: vê-se na condição de ter de destruir para criar, e a única forma de representar verdades torna-se um processo de autodestruição.

Nesse sentido, a própria reflexão sobre a validade do conteúdo de um problema social, como os efeitos da flexibilização nas relações de trabalho no ambiente industrial e a determinação do aumento do controle na organização do trabalho, torna-se importante quando é buscada alguma regularidade em processos sociais desalinhados com o advento da tecnologia como forma de controle sobre o trabalhador. Como pensar uma realidade em um país como o Brasil, que, sob o

ponto de vista da difusão dessas novas formas de trabalho, se encontra em uma ambiência marginal em se tratando de condições sociais e de produção fabril?

Atualmente, argumenta-se que a sociedade vive o limiar de uma nova era, e as ciências sociais devem obter respostas a novos fenômenos que impulsionam as pessoas para além da própria modernidade. Uma variedade de termos tem sido sugerida para essa transição: “sociedade de consumo” ou a simples constatação de uma “sociedade pós-industrial”. Alguns dos debates sobre essas questões se concentram nas transformações institucionais, sobretudo as condições que sugerem que sociedade se desloca de um sistema baseado na manufatura de bens materiais para outro ligado à informação (GIDDENS, 1991, p, 12).

Olhar para a natureza da modernidade, na forma como se constituem e funcionam as instituições, talvez seja o início de um entendimento para certas questões específicas, caracterizadas pela insuficiência explicativa no âmbito das ciências sociais, proporcionando entendimento de novas configurações das relações sociais.

Entende-se, portanto, que a saída não se encontra no ato de vislumbrar esse período como pós-moderno, mas que a sociedade esteja alcançando um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicais e universais do que no passado. Contudo, além da modernidade é possível perceber os contornos de uma nova ordem diversa da que é a “pós-moderna”; no entanto, isso é bem diferente do que é atualmente chamado de “pós-modernidade”. (Ibid., p.13).

Outra questão importante que envolve a discussão sobre a modernidade, consiste em repensar a civilização industrial, pois o velho sistema da sociedade industrializada está desmoronando nas últimas décadas, e a busca de uma equidade que faça frente à crise passa, obrigatoriamente, pela construção de um novo contrato social.

Esse contrato social estaria vinculado a busca de uma configuração entre Estado, assumindo seu protagonismo enquanto órgão regulador do mercado financeiro, a sociedade civil sendo mais atuante e tendo na capacidade de mobilização dos trabalhadores o ponto de difusão da participação popular na política.

A dificuldade analítica, levada pelo processo de substituição da mão de obra no ambiente fabril pela tecnologia, evoca um dinamismo autônomo da modernidade, e, nesse contexto, constata-se um período de risco para a sociedade. Essa

transformação gerou ameaças, como o decréscimo da capacidade de mobilização dos trabalhadores, designando um estágio da modernidade que começa a tomar forma colocando em xeque a sociedade industrial. As ameaças e os problemas produzidos tendem a exceder as bases das idéias sociais de segurança.

Elementos tão significativos, até o início dos anos 1970, como a questão da consciência de classe ou a crença no progresso estritamente ligada à cultura da sociedade industrial, sofrem de exaustão, pois estes postulados deram apoio às democracias e às sociedades econômicas no decorrer do século XX. A sua perda, no entanto, conduz à imposição de todo o esforço de definição sobre os indivíduos, o que, para Beck (1999, p.18), fomenta o “processo de individualização”.

Seu significado se encontra na desincorporação e, em um segundo momento, a reincorporação dos modos de vida da sociedade industrial por outros modos novos, em que as pessoas devem produzir, representar e acomodar-se em suas próprias biografias. Em síntese, o conceito diz respeito à desintegração das certezas da sociedade industrial, assim como a compulsão para encontrar e inventar novas certezas para si e para os outros que não as possui (Idem, 1997, p. 24-25). Essa situação inusitada emerge quando a sociedade e seus problemas começam a dominar os debates e conflitos públicos, sejam em âmbito político ou privado.

A “individualização”, encarada como processo, não contém muito dos significados que em um primeiro instante, parecem os mais acertados, por exemplo, a idéia de atomização, isolamento e solidão não representam essa perspectiva; assim, a vinculação do conceito é aquela da idéia de emancipação ou renovação dos indivíduos burgueses sob a pujança liberal.

As instituições da sociedade industrial tornam-se os produtores e legitimadores das ameaças que não conseguem controlar, gerando uma gama de problemas de ordem principalmente social. Somada a essa dificuldade atual, a sociedade ainda toma decisões e realiza segundo o padrão da velha sociedade industrial. Organizações como o poder judicial e político são obscurecidos por debates e conflitos que se originam do dinamismo da sociedade de risco<sup>2</sup>.

Sendo assim, o modo de vida produzido pela modernidade nos desprende de todos os tipos tradicionais de ordem social de uma maneira sem precedentes. Sob a égide de uma nova extensão e de uma nova intencionalidade, as transformações na

---

<sup>2</sup> “Este conceito designa uma fase no desenvolvimento da sociedade moderna, em que os riscos sociais, políticos, econômicos e individuais tendem cada vez mais a escapar das instituições para o controle e a proteção da sociedade industrial” (BECK, 1997, p.15).



modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. O plano extensional serviu para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intencionais, elas vieram alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana (GIDDENS, 1991, p.14).

Partindo do conceito de sociedade de risco, que designa um estágio da modernidade em que começam a tomar forma as ameaças produzidas na sociedade industrial, essa configuração social apresenta-se não como uma opção que se pode escolher ou rejeitar no decorrer de disputas políticas, pois ela surge na continuidade dos processos de modernização autônoma. De forma cumulativa e latente tais processos produzem ameaças que questionam e por fim destroem as bases da sociedade industrial.

Nesse sentido, a sociedade de risco provoca transformações notáveis e sistêmicas em algumas áreas de referência. Uma dessas transformações diz respeito à mudança de relacionamento da sociedade industrial moderna, a qual dissipa os conteúdos de uma sociedade anterior com feições mais tradicionais. Um exemplo dessa afirmação está na configuração da família nuclear atualmente.

A segunda forma se refere ao relacionamento da sociedade com a ameaça e os problemas produzidos por ela própria, que gera insegurança na ascensão dessa nova forma social, impondo uma situação de risco. A última posição está relacionada a fontes de significado coletivas e específicas de grupo, baseadas na consciência de classe e na crença do progresso que sofrem de exaustão e desencantamento (BECK, op.cit., p.17).

Segundo Touraine (2002), o descrédito relacionado à crença no progresso contribui para o enfraquecimento de uma idéia de modernidade que proporcione uma ordem social mais segura. Portanto, há muito mais em jogo nesse momento conturbado, seja pela idéia de que a história chegou ao seu fim, seja pelo pensamento apocalíptico da dissolução ou ausência de fôlego explicativo das relações sociais em forma de metanarrativas.

A idéia de globalização também auxiliou na posição de enfraquecimento de um ideário moderno, pois essa idéia não designa somente a mundialização das trocas econômicas, ela impõe uma concepção da vida em sociedade oposta a que dominou o período pós-guerra. Essa concepção aparece dominada pela ruína e pela destruição das mediações sociais e políticas que uniam a economia e a cultura,

garantindo, como modelo clássico, uma forte integração dos elementos da vida social.

Zygmunt Bauman (1999a, p. 111), ao se referir a esse contexto, menciona a declaração feita por Hans Tietmayer, presidente do Banco Central alemão, em que este relata de maneira casual o que está em jogo hoje: a criação de condições favoráveis relativas à confiança de investidores que os encorajariam, pois o controle mais estrito dos gastos públicos, a redução de impostos, a reforma de proteção social e o aniquilamento das normas rígidas do mercado de trabalho seriam o propósito e objeto de mudança com um conteúdo marcado pelo ideário neoliberal.

Evidencia-se, portanto, a rigidez observada no mercado de trabalho (controle técnico acentuado), contudo a situação de trabalho se torna mais flexível. Com isso, o trabalhador transforma-se em um indivíduo mais dócil e maleável, não oferecendo resistência. Essa perspectiva se apresenta como algo a ser combatido pela sociedade civil, ainda mais em um país periférico como o Brasil, no qual a desigualdade social é fruto de uma lógica de dominação imposta pelo mercado, mais nefasta do que a que ocorre em países centrais e representantes de um capitalismo alinhado as novas diretrizes produtivas e tecnológicas.

No passado, para compreender uma sociedade, era necessário definir as relações sociais de produção, seus métodos de negociação, bem como seus conflitos; falava-se de dominação, exploração e revolução. Atualmente, o que está em discussão é a globalização *versus* distância social crescente e sua relação com a concentração de capital. Há que se situar além da reflexão social com escalas sociais estanques ligadas principalmente a questões como renda, educação ou autoridade. Emerge uma forma de compreensão dos fenômenos sociais que substitui essa visão vertical por uma visão horizontal e procura precisar o lugar da sociedade, seja no centro ou na periferia, na luz ou na sombra. O importante é que essa localização não apele apenas as relações sociais de conflito, de cooperação ou de compromisso e assuma uma imagem astronômica como vida social, em que pessoas e grupos sejam encarados por sua posição no universo.

Segundo Touraine (2003, p. 20), tanto o sociólogo como os historiadores fundamentam suas reflexões na observação dos fatos antes de elaborar novos conceitos ou de interpretar outros. Antes do surgimento de uma formulação do que se entende por justiça ou liberdade, verifica-se, aos olhos desses profissionais, a decomposição de uma imagem social construída e gerida por um projeto político, por

instituições e agências de socialização em situação pré-falimentar. A prova dessa afirmação se encontra na política social-democrata, no Estado de previdência e até mesmo nas políticas econômicas inspiradas por Keynes, que alcançaram certo triunfo em relação ao pensamento político sobre práticas sociais, mas que atualmente se encontram em declínio.

As duas últimas décadas do século XX presenciaram uma transformação substancial da modernidade sendo indispensável a discussão do termo crise para pensarmos quais serão os rumos das relações sociais neste início de milênio.

Essas mudanças atingem o Brasil de maneira peculiar, e, pensar o significado do termo crise, segundo Domingues (1999), no contexto do país, revela-nos a sociologia como disciplina imprescindível que, emergindo do pensamento social secular, se desenvolveu, debruçando-se sobre questões gerais da organização da sociedade e, em particular, buscando desvelar as características e o significado da modernidade.

A utilização da noção de crise nas ciências sociais não significa apenas que as coisas não vão bem, ou que tudo anda mal, mas que também traz consigo um caráter revelador da sociedade e uma profunda mudança no que se refere ao mundo do trabalho. O elemento revelador das crises encontra-se em concepções segundo as quais existe dualidade entre o que é latente e inconsciente. A produção de conhecimento não deveria somente incidir sobre o que é consciente e se manifesta de maneira concreta, mas também sobre o que envolve a problemática hostil em se tratando da relação ligada à subjetividade do trabalhador, neste início de milênio.

O significado do termo crise vem do grego *krisis* e quer dizer decisão. A primeira utilização do termo está relacionada à medicina, que conservou este sentido. Portanto, crise é o momento cabal, a alteração, a mudança que permite o diagnóstico. Seu sentido moderno está cercado de incerteza e carregado por uma relativa indeterminação na qual reina um determinismo aparentemente garantido e, nesse sentido, há uma alteração na possibilidade de previsão. O momento de indeterminação e o da decisão confunde-se na medida em que decisão e incerteza são interdependentes. Dessa maneira, a crise é um momento indeciso e, ao mesmo tempo, decisivo. (MORIN, 1984, p.115).

Para Morin (1977, p.26), faz sentido pensarmos em uma sociologia que pretende estar atenta ao acontecimento e à crise e, ao mesmo tempo, demonstrar sua contemporaneidade. Devemos encarar o fenômeno como dado relativamente

isolado, não de uma disciplina, mas de uma emergência empírica, e, portanto, histórica.

A noção de crise se espalhou no século XX e se faz presente em todos os horizontes da consciência contemporânea. Não existe problema ou domínio que não seja assombrado pela idéia de crise, seja o capitalismo, a família ou mundo do trabalho. A palavra crise espalhou-se pouco a pouco, invadindo toda a coisa social, mas, para que a noção torne a ganhar sentido, há que pôr em crise a noção de crise, portanto, o problema se apresenta no sentido de como podemos elucidar o termo crise? (MORIN, 1984, p.116).

O primeiro passo está em salientar onde se desenvolve o conceito, aplicado em termos biológicos, todavia, a crise é uma noção no âmbito do desenvolvimento sócio-histórico. Essa constatação não equivale a considerar os domínios antropológico, social e histórico como um domínio fechado, salienta Morin, pelo contrário, não se pode estabelecer uma teoria das crises sociais nas referidas disciplinas, a não ser que se tenha numa teoria da sociedade que também seja sistemática.

Nesse sentido, conceber crise deve ir além da idéia de perturbação e de ruptura do equilíbrio. Conceber a sociedade como capaz de ter crises, evidenciando-a como um sistema complexo que comporta antagonismos, é condição primeira, senão a teoria da sociedade é insuficiente e a noção de crise se torna inconcebível (Ibid., p.116-117).

As crises constituem fontes de riqueza para a sociologia que, sem concentrar os seus recursos nas médias estatísticas, nas amostras representativas ou em modelos estruturais da lingüística, detecta três situações que envolvem a referida questão:

1. as crises são concentrados explosivos instáveis, ricos em fenômenos involutivos-evolutivos que, em certo grau, se tornaram revolucionários;
2. a crise é um revelador significativo de realidades latentes e subterrâneas, invisíveis em tempo normal, que serve como a descoberta de novos fatos com relação a uma hipótese contrária que consideraria a crise como algo acessório;
3. finalmente, a crise reúne, de modo turvo e perturbador, repulsivo e atraente, o caráter accidental (contingente, circunstancial). O caráter de necessidade, ativando as realidades mais profundas, as menos conscientes, as mais determinantes e o caráter conflitual dos fenômenos (Id., 1977, p.29).

Em termos sistêmicos<sup>3</sup>, esses processos são vistos como um crescimento quantitativo que produz um fenômeno de sobrecarga, ou seja, a própria sociedade torna-se incapaz de resolver os problemas aquém de certos limiares. Com isso, a crise assume uma idéia entre exigências contrárias, algo que é paralisado, perturbado e desregulado. Como perturbação, a crise pode ser vista como consequência de sobrecargas em que o sistema se vê confrontado com um problema que não pode resolver segundo as regras e normas de seu funcionamento e de sua existência correntes. A partir de então, a crise surge como uma ausência de solução imediata, fruto de um processo de desregulamento e de desorganização, podendo, ao mesmo tempo, suscitar uma solução.

Dessa forma, a crise, no contexto social, significa a desregulação que se encontra situada em um patamar ligado às regras de organização de um sistema; situa-se ao nível não só dos eventos fenomenais exteriores, mas também na sua própria organização, naquilo que tem de generativo e regenerador. Portanto, a crise se traduz por intermédio do que se costuma chamar de distinção onde havia funcionalidade, enfim, ocorre uma ruptura onde havia continuidade.

Todos esses elementos que circundam o termo crise, de certa forma, nos ajudam a pensar sobre as dificuldades que surgem no mundo do trabalho. Todavia, a dimensão da crise é mais abrangente, pois apreende muitas esferas e não somente o mundo do trabalho.

Em sua amplitude, a crise é civilizacional por conta do desgaste do ideário moderno já relatado, mas principalmente pela ineficácia por parte dos gestores do capital em superar as contradições do sistema que se torna hegemônico. Ocorre, então, uma guinada representada pelo retrocesso em termos sociais em países difusores de um projeto de modernidade mais equitativo em termos sociais e econômicos, tendo, no Estado, o poder moderador que perde fôlego no enfrentamento de questões prementes na sociedade hoje.

Os meandros de todo e qualquer sistema social comportam a desordem, funcionando apesar dela. Isso significa que, ao mesmo instante que é repudiada, corrigida, é integrada. Enfim, a crise é uma regressão de determinismos, das estabilidades e das coações internas no seio de um sistema, é uma progressão das desordens, das instabilidades e dos acasos (MORIN, 1984, p.118). Sendo assim, ao

---

<sup>3</sup> Teoria que enfatiza a interdependência de padrões de instituições de uma sociedade, e o modo como interagem na preservação da unidade social e cultural (DEMO, 1998, p. 206).

vivermos em um mundo que clama pela ordem, a regressão de determinismos gera uma incapacidade de predição de fenômenos que possam abalar as relações sociais.

Vale salientar que o conceito de crise para Morin (1984) é mais rico do que uma idéia de perturbação; mais rico do que a idéia de desordem que comporta perturbações, desvios e antagonismos, em que não só estimulam as forças de vida, como também as forças de morte que passam a ser duas faces de um mesmo fenômeno. Portanto, na crise são estimulados os processos inventivos e criativos, que se encadeiam e se entrecruzam.

Tendo em vista as observações de Morin (1977-1984), o conceito de crise merece a devida atenção por apresentar duas concepções. Uma que incide no sentido do evento, o acidente ou perturbação externa que desencadeia o processo de crise e outro que diz respeito às perturbações oriundas de processos aparentemente não perturbadores.

Sendo assim, a era representada pela emancipação humana, onde o grau de controle e a previsibilidade na relação entre economia, Estado e sociedade civil poderiam proporcionar equilíbrio, isolando qualquer perturbação nas relações sociais perdeu força a medida que ameaças produzidas pela própria sociedade provocam novas formas sociais nos empurrando para uma situação de risco.

## 1.2 A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA MODERNIDADE: TAYLORISMO, FORDISMO E ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL

Com a segunda Revolução Industrial (a partir do século XIX), constata-se a identificação da produtividade com a diminuição de trabalho em relação à mão de obra necessária para a produção, o que tornou a força de trabalho mais ociosa, demonstrando um dos lados marcantes e conflituosos da era moderna.

Nesse momento torna-se viável estabelecer a relação com o objeto de estudo, o sujeito soldador, à medida que retratamos uma era em que as individualidades se libertam em nome da razão, permitindo a possibilidade de arranjos no ambiente fabril que encontram significado para entendermos o processo de trabalho hoje.

Partindo da visão de que o trabalho moderno, após a segunda fase da Revolução Industrial, assume a transformação com características científico-

tecnológicas, chegando até a automação, a consequência dessas mudanças elevou, em patamares jamais vistos, o nível de instrução do operário na indústria. Todavia, não devemos tomar por absolutos, e, por conseguinte, totalmente maléficos essas transformações, pois, em alguma medida, o processo produtivo teve mais razões para se desenvolver da forma que conhecemos hoje, como, por exemplo, para a superação de limites agrícolas frente ao avanço populacional através do fenômeno da migração do campo para as cidades, das populações em diferentes épocas e regiões principalmente do Ocidente.

No seio das relações capitalistas de produção, as questões que envolvem a organização do trabalho, nas últimas décadas do século XIX, ainda possuem relevância por fazerem parte do conjunto de estratégias produtivas, pois, como processos, merecem a devida atenção. Dessa maneira, com o advento da gerência científica desenvolvida por Frederick Winslow Taylor (1880-1890) e sendo identificado como um sistema de organização do trabalho teve na indústria toda a sua fundamentação empírica baseada na separação das funções de concepção e planejamento.

Para entendermos a realidade do sujeito soldador no mundo do trabalho e como este ocupa o espaço no chão de fábrica, é necessário mencionarmos um conjunto de elementos desenvolvidos por Taylor que, fazem parte do arcabouço produtivo que envolve a produção de veículos.

A partir do momento em que a gerência industrial inverte a prática tradicional de relativa autonomia operária em relação a todo processo produtivo, uma nova necessidade assume a vanguarda da mudança no sentido de uma imposição ao trabalhador, fazendo-o cumprir o trabalho a ser executado, estabelecendo uma conexão do sistema produtivo desenvolvido por Taylor em relação aos dias atuais, logicamente com algumas variações.

Em relação a essas questões em tempos remotos até chegarmos a Revolução Industrial, as profissões eram qualificadas porque a unidade básica era a célula elementar de um processo de trabalho, contudo, cada ofício trazia consigo a idéia de um trabalhador como senhor de um acervo de conhecimento tradicional, pois, na totalidade dos métodos e procedimentos, era deixado o seu critério, repousando assim o conhecimento acumulado em materiais e práticas pela qual a produção era realizada no ofício.

A princípio, Taylor não estava interessado no avanço da tecnologia, dessa forma, ele teve papel fundamental para o conhecimento técnico da prática das oficinas, todavia interessava-lhe o controle do trabalho em qualquer nível de tecnologia, fixando padrões para engenheiros e gerentes de escritório desde o final do século XIX sendo fundamental ainda hoje (BRAVERMAN, 1987, p.101).

Conforme a análise realizada por Harry Braverman (1987, p.103-108), os princípios fundamentais desenvolvidos por Taylor constituem três postulados básicos.

O primeiro diz respeito às tarefas no âmbito industrial, em que a formatação do trabalho, sendo simples ou complexa, não poderia ser deixada sem uma análise rigorosa, cujo objetivo de juntar nas mãos da gerência todos os seus desígnios era seu fim último, ou seja, este princípio se dá por uma dissociação do processo de trabalho das especialidades dos trabalhadores, significando um processo de trabalho independente do ofício, da tradição e do conhecimento dos trabalhadores, não dependendo absolutamente das capacidades dos trabalhadores, mas inteiramente das políticas gerenciais.

O segundo postulado se refere ao ato de banir da oficina todo e qualquer trabalho cerebral, deslocando-o para o setor de planejamento ou projeto. Com isso, há uma cisão entre concepção e execução das tarefas, permitindo a desumanização do processo de trabalho e a isenção de uma forma de trabalho com características ligadas a auto-organização e automotivação. Essa nova condição encontra amparo na medida em que se impõe uma eficiência metodológica, tornando possível adotar um ritmo de trabalho desejado pelo capital, fazendo com que o capitalista aprenda, desde o início, a tirar vantagem desse aspecto da força de trabalho.

Para fechar o ciclo do modelo produtivo taylorista em seus traços fundamentais ainda hoje se torna essencial sua descrição, porque nos permite a visualização de uma sucessão sistemática de mudanças numa direção definida, em que, a partir da utilização desse monopólio do conhecimento, abre a possibilidade para o controle de cada fase do processo de trabalho e principalmente seu modo de execução.

Surge, dessa forma, na gerência científica moderna, a noção de tarefa em que o trabalho de todo operário é inteiramente planejado, ao menos com um dia de antecedência, e cada sujeito recebe, em muitos casos, instruções escritas nos



mínimos detalhes, a tarefa que deve executar, bem como os meios a serem utilizados ao realizar o trabalho.

Essa situação que envolve o taylorismo foi constatada nas entrevistas com soldadores de uma empresa multinacional, localizada no estado do Paraná, onde o trabalhador nos relatou uma série de procedimentos que são objeto de mudanças específicas, fazendo parte do cotidiano da produção de veículos. Isso podemos perceber em folhas de operação com uma descrição detalhada, juntamente com o desenho das peças a serem soldadas e a maneira nova de realizar a solda, incluindo na operação a análise, tempo necessário (como no caso são de 10 minutos), a data de modificação feita por determinada equipe além do prazo de aprendizagem de todo o processo de soldagem ANEXO A.

A forma de sistematização e como essa informação é passada para o operário sofrem mudanças de acordo com o avanço tecnológico, entretanto o que queremos salientar é o mecanismo utilizado, a lógica empregada que tem como gênese o sistema elaborado por Taylor.

Vale a pena adiantar que elementos no chão de fábrica hoje são essenciais ao exercer o ofício da solda como a capacidade de síntese dos procedimentos, conhecimento preferencial pelo inglês como linguagem técnica, além de uma capacidade bastante intensa no sentido de se readaptar às novas formas de execução do trabalho quase que diárias.

Portanto, como nos informa Braverman (1987, p.109), a gerência moderna veio a existir como base nesses princípios descritos, erguendo-se como um construto teórico e como prática sistemática cuja transformação do processo de trabalho como especialidade, cede espaços para processos baseados na ciência que passa a atingir ritmo mais intenso e rápido. Contudo, o papel desse sistema de organização do trabalho era tornar consciente e sistemática a tendência antigamente inconsciente da produção capitalista, garantindo, dessa maneira, o declínio dos ofícios ao mergulhar o sujeito trabalhador ao nível da força de trabalho geral e indiferenciado, adaptável a uma vasta gama de tarefas elementares e, à medida que a ciência progredisse, seu monopólio se encontrava nas mãos da gerência como até hoje ocorre.

Outra mudança estava em curso na indústria. Baseado em um modelo cujas inovações técnicas e organizacionais se articulam tendo em vista a produção e o consumo em massa Esse modelo teve início na primeira década do século XX,

quando Henry Ford introduziu um dia de trabalho de oito horas e cinco dólares como recompensa para os operários da linha de montagem de carros em Deaborn, Michigan (HARVEY, 2003, p.121).

Em termos práticos, o fordismo revoluciona o setor industrial ao introduzir a esteira transportadora, mudando a forma de montar os veículos, acabando por transferir para a própria esteira o conhecimento do antigo mecânico versátil que dominava todos os meandros da produção, levando a ampliação do controle mecânico, aumentando o esforço físico, tornando-o repetitivo além de favorecer a alienação desse operário.

A fixação do trabalhador em relação à esteira transportadora foi elevada a tal ponto que esse operário passou a ser visto como mais um componente do sistema maquínico. O movimento e o tempo de trabalho foram racionalizados pelo movimento e o tempo da própria máquina. Contudo, o fordismo não fez mais do que aperfeiçoar o controle mecânico do trabalho (FRANCA, 2007, p.28).

No sistema elaborado por Ford além de favorecer o processo produtivo, havia algo especial que, em última análise, distinguia seu modelo do elaborado por Taylor. Estava no reconhecimento explícito de que a produção em massa significava consumo em massa, um novo sistema que reproduzia uma nova força de trabalho, que se impusera pela prática do controle da gerência do trabalho, em suma, um novo tipo de sociedade democrática, racionalizada, modernista e populista (HARVEY, loc. cit.).

Com seu plano, Ford acreditava que um novo tipo de sociedade poderia ser construído com a aplicação adequada ao poder empresarial. A propósito do dia de oito horas e cinco dólares estava incluso impor ao sujeito trabalhador uma disciplina necessária à operação do sistema de linha de montagem com feições de alta produtividade, oportunizando a esses sujeitos a aquisição de renda e tempo livre fora do ambiente de trabalho com o intuito de haver um aumento de consumo de produtos produzidos em massa que as corporações estavam fabricando em quantidades cada vez maiores.

Dessa forma, a maneira como se estabeleceu o sistema fordista determinou um passo adiante de uma intensificação da produção industrial em relação ao taylorismo, à medida que atinge frontalmente alguns aspectos antes inexplorados, que dizem respeito ao poder de renda dos operários em total sintonia com

administração de horas de trabalho, fomentando nesses sujeitos um aumento no consumo.

Todo esse ciclo se verificou primeiro nos EUA, mais tarde, na Europa, porém levou meio século para se estabelecer. Uma barreira importante nesse sentido está nos modos e mecanismos de intervenção estatal, pois foi necessário conceber uma nova regulamentação para atender aos requisitos da produção fordista forçados pelo colapso do capitalismo, na década de 1930, para que o Ocidente se desse conta do novo uso do poder do Estado.

Com o término da 2ª Grande Guerra (1945), a configuração e o uso próprio dos poderes do Estado pelos países de capitalismo avançado entram em uma conexão mais efetiva com o fordismo, levando esta à maturidade como um regime de acumulação plenamente distinto.

A consolidação do fordismo como regime de acumulação se verifica no instante em que os padrões de vida se elevam, pois, quando a crise de 1929-1930 se manifestou, a falta de demanda efetiva por produtos foi contida. A partir de então, as democracias de massa surgem, ao mesmo instante que as ameaças de guerras intercapitalistas se tornam pouco prováveis.

Segundo Harvey (2003, p.129) é neste contexto que amplas mudanças se concretizaram no mundo do trabalho sob o auspício da administração científica, bem como em todas as facetas da atividade corporativa, em que não somente na produção como também nas relações pessoais, treinamento no local de trabalho, marketing, criação de produtos, estratégias de preços, obsolescência planejada de equipamentos e produtos que acabaram formando um conjunto de mudanças tornando-se o marco da racionalidade corporativa burocrática.

Anterior ao fordismo, a condição proletária no continente europeu, no Japão e EUA representava uma situação de quase exclusão do corpo social. No entanto, o proletário é um elo essencial no processo de industrialização e, definitivamente após a Segunda Guerra Mundial ganha espaço ao conquistar em meados do século XX a condição de assalariado.

Assim como no chão de fábrica, verificou-se nos últimos séculos, o esteio de grandes mudanças nas relações sociais na modernidade. Também na industrialização está a origem da condição de assalariado sendo a grande empresa o lugar desta relação salarial moderna.

Gradativamente, emerge um sujeito diferente no mundo do trabalho. O proletário, o cidadão pobre de última classe do povo é alçado à condição de operário, portanto, aquele sujeito relegado a último plano cede espaço para o trabalhador manual que recebe salário na execução de suas funções profissionais.

Nesse momento, a condição de assalariado não representa somente um modo de retribuição pelo trabalho realizado, sobretudo, favorece a condição na qual esses sujeitos estão distribuídos na sociedade.

Com o advento da sociedade salarial<sup>4</sup>, se constitui um outro panorama nas relações sociais na modernidade, que asseguram direitos, dando acesso a subvenções extratrabalho (como aposentadorias); mas principalmente permitem uma participação ampliada na vida social, seja pelo consumo, instrução e até mesmo pelo lazer.

No entanto, esse período de crescimento econômico, associado à ampliação de renda e influência dos operários no capitalismo mais avançado, durou cerca de 40 anos (1930-1970). Os trabalhadores foram distribuídos da posição de ponta de lança que ocupavam, pela promoção da condição de assalariado, em outras palavras Castel (1998, p.450) nos diz que o ‘particularismo operário’ não foi abolido, mas deixou de desempenhar o papel de ‘atrativo’ que tinha tido no processo de constituição da sociedade industrial. “(...) O salariado operário foi literalmente esvaziado das potencialidades históricas que o movimento operário lhe emprestava”.

A seguir ocorreu a queda da produtividade e da lucratividade corporativas depois de 1966, marcando o problema fiscal dos EUA que só seria sanado à custa de uma aceleração da inflação, tendo início nesse contexto o arrefecimento do papel do dólar como moeda-reserva internacional estável (HARVEY, p.136).

Havia, nesse momento, problemas com a rigidez dos investimentos de capital fixo de larga escala e de longo prazo em sistemas de produção em massa que impediam a flexibilidade de planejamento, e toda a tentativa de superação dessa rigidez tinha na classe trabalhadora um grande obstáculo para a mudança.

A alternativa estava, por parte das corporações, em pensar uma maneira mais eficaz, pois o excedente inutilizável (máquinas e equipamentos ociosos) limitava as condições de produção. Contudo, mudanças tecnológicas, automação, além da busca de novas linhas de produto e nichos de mercado, bem como aceleração do

---

<sup>4</sup> Conceito extraído por Castel de Aglietta & Bender da obra intitulada *Les métamorphoses de la société salariale*, Paris, Calmann-Lévy, 1984, que se refere ao dinamismo promovido predominantemente pela afluência derivada de uma massa salarial crescente (CASTEL, 1998, p.417).

tempo de giro do capital, sendo encarado como planos de estratégias das corporações em termos de sobrevivência significavam entrar num período de racionalização, reestruturação e intensificação do controle do trabalho podendo ser, na ótica dos empresários da época, o melhor caminho a ser seguido.

A recessão de 1973, agravada pelo choque do petróleo, retirou o mundo capitalista da estagnação da produção de bens e alta inflação de preços pôs em movimento um conjunto de processos que comprometendo o fordismo. A consequência desses fenômenos, nas décadas de 1970-1980, foi um conturbado período de reestruturação econômica e de reajustamento social e político (Ibid., p140).

Toma forma no espaço social um conjunto de oscilações e incertezas, novas experiências nos domínios da organização industrial, na vida social, assim como na política. Essas experiências representam a passagem para um regime de acumulação inteiramente novo, associado a um sistema de regulamentação política e social muito distinta.

David Harvey (2003, p.140) chama esse fenômeno de *acumulação flexível*, que acaba surgindo sob o signo da confrontação com a rigidez do fordismo e se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracterizam-se pelo aparecimento de setores produtivos inteiramente novos, novas formas de fornecimento de serviços financeiros e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional.

A acumulação flexível envolve grandes mudanças no que condiz aos padrões de desenvolvimento desiguais, seja entre setores como entre regiões geográficas, criando um vasto movimento no emprego no chamado “setor de serviços”.

No entanto, para viabilizar o novo plano, os sindicatos desenvolvidos no contexto de produção fordista eram a barreira a ser superada, e o elemento chave para a desarticulação dessa parcela importante da sociedade civil se encontrava no acúmulo de trabalhadores nas fábricas que lutavam pela manutenção de ganhos sociais frente ao Estado, bem como a classe patronal.

A tendência de enfraquecimento dos sindicatos se concretizou à medida que uma crescente individualização das relações de trabalho levou a um deslocamento de eixo das relações entre capital e trabalho. A idéia de desregulamentação e flexibilização extremada do mercado de trabalho atingiu duramente conquistas

históricas do movimento sindical. A falta de ousadia dos sindicatos, somada ao esgotamento dos modelos vigentes, assim como a crescente burocratização e institucionalização das entidades sindicais, distanciando-se dos movimentos sociais autônomos e cada vez mais ligadas à institucionalidade, formavam o quadro de desestabilização desse importante setor da sociedade moderna (ANTUNES, 1995, p.75).

A partir do arrefecimento dos sindicatos nos países de capitalismo avançado, novas técnicas e formas de organização da produção colocam em risco os negócios com a concepção mais tradicional, atingindo até mesmo corporações poderosas. A técnica gerencial apropriada à produção em massa e sua forma organizacional não se adequaram, em muitos casos, a um sistema de produção flexível.

Isso significava uma grande dificuldade na solução de problemas com soluções instantâneas em uma frequência maior, a qual exigia de um sujeito um conhecimento especializado e plenamente adaptado às inovações.

Temos então um fordismo como um sistema de produção que, a partir de um momento, se torna incapaz em conter contradições do capitalismo. O incremento da tecnologia fez com que essa concepção de produção se modificasse levando a um nível de integração, estabelecendo toda uma rede de subcontratação para favorecer uma maior flexibilidade diante dos riscos e o acirramento da competição entre as corporações. Com isso, a produção em pequenos lotes e a subcontratação tiveram a virtude de superar a rigidez do sistema fordista, atendendo a uma gama, bem mais ampla, de necessidades do mercado.

Esses sistemas de produção flexíveis permitiram uma aceleração do ritmo da inovação do produto, ao lado da exploração de nichos de mercado altamente especializados e de pequena escala. Com isso, o tempo de giro, dos produtos industrializados se intensifica, tornando-se elemento fundamental do lucro capitalista, reduzindo de modo significativo o uso de novas tecnologias produtivas (automação e robôs) bem como de novas formas organizacionais, no entanto a aceleração do tempo de giro na produção teria sido inútil se não se reduzisse o tempo de giro no consumo (Ibid., p.148).

Mudanças na ponta do consumo, somadas às transformações na produção, rompem com a relativa estabilidade da modernidade fordista, cedendo lugar para uma instabilidade com feições fugidias e a mercadificação das formas culturais. Questões como o avanço das informações e a aceleração na tomada de decisões

num contexto de incerteza dão o tom de um período regido pela “desregulamentação”, segundo a observação de Harvey (2003, p.150), fomentando, em muitos casos, a modernização de setores como a aviação e energia, assim como levando, em muitos casos, a fusões corporativas.

Mas nada adiantaria esse conjunto de mudanças se não houvesse um incremento da informação e de conhecimento técnico-científico como elementos principais da acumulação flexível. A substituição de valores mais sólidos do fordismo, como elemento de transição no mundo do trabalho, para uma flexibilidade dos trabalhadores torna-se uma das principais características do período.

O rescaldo desse conjunto de mudanças incide sobre novas possibilidades em que a tecnologia se fundamentou, permitindo uma reformulação das relações de trabalho, dos sistemas de produção com bases sociais, geográficas e econômicas inteiramente distintas. Contudo, a desvalorização da força de trabalho sempre foi a resposta instintiva dos capitalistas à queda de lucros, fazendo com que houvesse um retrocesso na condição dos operários após os anos 1970 no capitalismo mais avançado.

No Brasil mudanças nas relações de trabalho e o incremento de novas tecnologias de produção elevaram o nível e a intensidade do trabalho na indústria. A tendência no setor se encaminha para uma individualização, assim como níveis de diferenciação nas relações de trabalho cada vez mais acentuados entre os operários, tendo como vetor de desenvolvimento os novos métodos de organização do trabalho.

Em virtude das questões colocadas, ratificamos o argumento da existência de uma crise maior que a do mundo do trabalho, e que se trata de uma crise da civilização ocidental nos mais diversos aspectos (econômico, cultural) e que o ato de refletir sobre prováveis mudanças ocorridas nas últimas décadas significa em nos afastarmos de alternativas de mudanças historicamente superadas e obsoletas.

## **CAPÍTULO II - REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E A TRANSFORMAÇÃO DO AMBIENTE DA SOLDA NA PRODUÇÃO DE VEÍCULOS**

### **2.1 A MODERNIDADE BRASILEIRA E PARANAENSE E SUAS FASES INDUSTRIAIS**

O Brasil nasce com o período moderno e suas instituições incorporam, de modo autoritário, as instituições da modernidade ocidental. A alteração nas funções da estrutura do Estado brasileiro, devido à derrota mesmo que parcial das oligarquias dominantes até então, abriu espaço às novas classes sociais urbanas a partir de 1930, significando um marco para a modernidade no país.

Assim, a busca de uma identidade nacional como proposta de Estado, concilia modernidade e tradição com feições conservadoras, no que se refere aos atores sociais como parte integrante de um horizonte civilizacional (DOMINGUES, 1999, p.157). Houve, nesse momento, a reunião de condições necessárias para o desenvolvimento do Estado, como um sistema que engloba instituições políticas e econômicas, bem como padrões, valores sociais e culturais burgueses (IANNI, 1979, p. 34).

O capitalismo industrial surge no país antes da revolução de 1930, que se desenvolveu a partir do final do século XIX, em torno do capital cafeeiro, tornando-se o principal motor propulsor da atividade econômica até meados do século XX. Com o excedente investido na plantação, bem como na exploração do café, houve a possibilidade da transferência da matriz de produção, direcionando a produção de bens de consumo-salário, como têxteis, confecção, gêneros alimentícios e até mesmo alguns núcleos de bens de capital (aço, cimento). (TAUILE, 2001, p.172).

Nesse mesmo momento, verifica-se o aparecimento de uma relativa autonomia industrial brasileira, em termos de capital industrial, que ocorreu a partir da crise mundial de 1929 e da depressão dos anos seguintes. Dessa maneira, a crise possibilitou a oportunidade de mudança efetiva no rumo da economia nacional, em que o primeiro passo vai ao encontro da substituição de importações.

Com a grave crise mundial deflagrada pela depressão americana, uma contingência imposta ao Brasil se verifica pela restrição nas importações cafeeiras, pois a mais importante fonte de divisas internacionais se encontrava no café e a ausência dessa cultura como carro-chefe da economia do país reduziu a capacidade



de importação, diminuindo assim grande parte de bens que eram consumidos, especialmente industrializados. Todavia, se pode afirmar que o início, de fato, da industrialização no país se deveu pela necessidade de prover determinados bens de que a população precisava cotidianamente para sua sustentação, impulsionando as primeiras indústrias.

Em meio ao quadro de instabilidade internacional, o então presidente Getúlio Vargas, percebendo as condições propícias para a instalação de indústrias na década de 1930, começou a promulgar leis trabalhistas, inclusive com algumas destas já sendo aprovadas nos anos 1920 por força também de pressões do movimento operário e, por fim, consolidadas em 1943. (TAUILE apud. FAUSTO, 1994. p.297-303). Vale lembrar que a consolidação das leis trabalhistas (CLT) era aplicável estritamente aos trabalhadores urbanos e deixava desprotegidos os trabalhadores do campo (Ibid. p.174).

A partir da ditadura do Estado Novo (1937-1945), o plano de industrializar o país foi levado à execução, e dois acontecimentos foram significativos para esse período. Com a fundação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) através de um jogo político muito hábil executado por Getúlio Vargas, houve a possibilidade de os EUA concederem empréstimos financeiros para o financiamento da obra, depois de o governo brasileiro pleitear esses recursos com o Eixo inimigo respectivamente, Alemanha e Itália na 2ª Grande Guerra.

O segundo fator importante de um movimento definitivo para a industrialização, encontra-se basicamente na luta travada pela produção nacional de petróleo, também inclusas nessa batalha a prospecção e a extração. O embate nesse momento tomava forma no sentido de ir contra os interesses das empresas norte-americanas exploradoras dos recursos naturais da América Latina, pois o governo americano apoiava-se politicamente fundamentado no acesso a recursos primários baratos, reduzindo os custos de produção social do insumo no país da América do Norte. Dessa forma, o embate sobre a questão da exploração do petróleo, ao assumir o lema “O petróleo é nosso”, marca definitivamente a busca da modernidade pelo viés da industrialização nacionalista.

Com o fim do Estado Novo e o suicídio de Vargas (1954), os anos 1950, sob o ponto de vista industrial, o novo governo adquire uma característica própria com Juscelino Kubitschek (1956-1961), baseado principalmente na internacionalização do projeto industrial brasileiro que teve como importante característica uma forte

abertura ao capital externo, obtendo bons resultados, em especial na indústria eletromecânica (automobilística e demais bens de consumo durável), assim como na área da construção civil, seja na construção de Brasília, seja na execução de importantes obras de infraestrutura.

Em síntese, o período se caracterizaria pela grande expansão industrial, com crescimento de produção, culminando no desenvolvimento de uma estrutura integrada, apoiada no processo industrial pesado, fortalecendo-se a partir da segunda metade dos anos 1950.

No final da década de 1950, o carro-chefe de uma nova etapa da industrialização brasileira se encontrava na exitosa implantação de uma indústria automobilística, em que menos de três anos, estava sendo produzido no Brasil automóveis com mais de 90% de índice de nacionalização em termos de peso e quase isso em termos de valor (TAUILE, p.178).

Quanto aos trabalhadores desse período, estando sob a égide fordista de produção, foi a necessidade de uma mão de obra muito maior, em detrimento da qualificação desses operários, cujo aprendizado era relativamente fácil e de curta duração que, exigindo pouca ou nenhuma educação formal prévia, se fez necessária. A necessidade de técnicos e de uma gerência intermediária que exercessem atividades de escritórios e laboratórios era suprida por parcelas da classe média local, já engenheiros e administradores saíam das classes mais abastadas, pois tinham formação universitária.

A década de 1970 significou para o país um período de grande expansão industrial, com um intenso crescimento de produção e do emprego no setor, acelerando a produção de bens de produção e de consumo duráveis.

Com todas essas mudanças através de décadas, não seria de se estranhar a transformação bastante significativa em relação à gestão da força de trabalho nas indústrias, pois é no final dos anos 1970 que uma mudança num conjunto de políticas no sentido do ajuste de uma modernização tecnológica dessas empresas se verifica, entrando em crise o modelo de substituição de importações sob o qual se estruturou a fase anterior do desenvolvimento econômico (LEITE, 2003,p.67).

Nesse período, o Estado do Paraná, primeiramente a cidade de Curitiba, se insere, de forma definitiva, no cenário industrial brasileiro, assumindo toda contingência de um país periférico, no entanto emergente e com grande capacidade de desenvolvimento produtivo e econômico. Todavia, devemos salientar que o

primeiro ciclo econômico do Estado do Paraná foi o da erva mate no século XIX, e assim se manteve ao longo desse século e boa parte do seguinte, tendo o setor agrícola como o mais desenvolvido.

A década de 1950 representou para o país um desenvolvimento impulsionado pela entrada de capitais externos, centrado principalmente no eixo Rio - São Paulo. Dessa forma, grandes indústrias estrangeiras, empresas estatais em parceria com as nacionais obtiveram ganhos de escala pela tecnologia relativamente avançada, possibilitando nas décadas subseqüentes (1960 – 1970) a ampliação, ou seja, uma integração de novas regiões e vinculando-as a dinâmica do capital nacional (Ipea, 2000).

O Estado do Paraná tirou proveito dessa descentralização produtiva e, no período de 1970, ocorreram dois processos significativos: o primeiro se refere ao esgotamento da fronteira agrícola, no instante em que esta fronteira paranaense vislumbrava uma mudança tecnológica que proporcionou a reestruturação das tradicionais áreas de cultivo, ocasionando uma forte migração rural para os grandes centros urbanos (LIMA, J., RIPPEL, R.; STAMM, C., p. 57 apud ROLIM, 1995; DINIZ e LEMOS, 1990). O segundo momento importante está relacionado com a desconcentração industrial que ocorreu a partir do sudeste brasileiro para novas regiões (como o Estado do Paraná). Houve também importantes mudanças qualitativas na atividade agrícola nacional, em que se pode citar a introdução da mecanização em forma de *commodities* internacional promovendo a integração entre agropecuária e indústria (LIMA, J., RIPPEL, R.; STAMM, C., p. 57 apud ROLIM, 1995; PIFFER, 1997).

A partir dos anos 1980, a expansão produtiva de produtos primários industrializados de soja, milho, trigo e carne cresceram consideravelmente, e grande parte do crescimento agroindustrial do Estado deu-se com enfoque na demanda de produtos primários transformados (basicamente alimentos), por parte dos grandes mercados consumidores do país, ou seja, São Paulo e Rio de Janeiro. Ao final da década, a economia do Estado atingiu um patamar relativamente distinto das demais regiões do Brasil, estabelecendo um encaminhamento sólido para abertura do bom desempenho nos anos 1990.

Em décadas mais recentes, o Estado do Paraná dinamizou sua base produtiva, deixando de ser uma região voltada apenas à produção agrícola, diversificando-a para, em um segundo instante, buscar um aprimoramento industrial,

bem como aumentando assim sua base de exportação (LIMA, J., RIPPEL, R; STAMM, C., p. 58 apud PIFFER, 2002).

Na segunda metade dos anos 1990 a desconcentração industrial capitaneada pelos sistemas flexíveis de produção, oportunizou que o Estado do Paraná se inserisse na produção de veículos automotivos. Embora sem tradição na produção de veículos, ocorreu a instalação de empresas no setor como Renault, Volkswagen-Audi e Chrysler.

Consideradas inovadoras, no que diz respeito à tecnologia, formas de gestão, mas principalmente pela organização do trabalho, estas empresas assumem uma configuração de empresas em rede integrando-se:

“[...] ao longo da cadeia produtiva, montadoras com suas fornecedoras, combinando assim, sistemas enxutos e flexíveis de produção predominantes nas montadoras, com um *mix* de sistemas tayloristas/fordistas e flexíveis verificado nas fornecedoras”. (ARAÚJO, 2007, p.238-239).

Ao contrário do que se imagina com a implantação da lógica produtiva flexível como um caminho único em direção ao desemprego em massa pelo incremento tecnológico no setor, no Paraná, em 2004, a indústria automobilística obteve crescimento. Isso significa que mesmo com o crescimento na geração de emprego, houve a implantação como forma de sustentar esse crescimento, através de práticas de gestão de recursos humanos como a redução da hierarquia interna e sistemas diferenciados de treinamento da mão de obra.

## 2.2 O PROCESSO DA SOLDA: ENTRE O FORDISMO E A PRODUÇÃO *JUST-IN-TIME*

A modernidade brasileira assume características com relação à reestruturação produtiva na década de 1990, envolvendo diretamente as culturas empresarial, operária e sindical e suas implicações no mercado em se tratando de relações de trabalho também passam por reformulação importante.

Com o advento da globalização, se percebe que as estruturas produtivas nas várias regiões do mundo se uniformizassem, contudo o que verificamos são formas de integração no processo industrial distinta e singular, variando entre países.

A retomada do regime democrático e o ressurgimento do movimento operário e sindical, assim como a intensificação de tendências anteriores no sentido de pressionar as empresas, encontrando modelos de gestão de pessoal menos autoritários, substituindo antigas formas de controle sobre os trabalhadores de maneira indireta que assegurassem a qualidade e a produtividade são, em síntese, as novas diretrizes vigentes no setor automobilístico (LEITE, 2003, p.69).

Durante algum tempo, a linha de montagem para a produção de automóveis, no Brasil, assumiu na integralidade os atributos de um sistema fordista tradicional. A parcialização e a desqualificação do trabalho e a sua submissão a um ritmo imposto mecanicamente são seus principais elementos.

Baseado principalmente em um sistema de controle voltado para a intensificação do trabalho e tendo como objetivo o aumento do tempo útil da jornada, o fordismo transferia à gerência o poder de comando sobre o ritmo de trabalho. Essa concepção de produção passa a se esgotar no instante em que o ciclo de recuperação do capital, que envolvia a Europa Ocidental e o Japão, já havia se completado. Nos Estados Unidos, a queda da produtividade e a lucratividade corporativa, depois do ano de 1966, marcaram o início do problema fiscal, que somente seria sanado à custa de uma aceleração da inflação, ameaçando o papel do dólar como moeda-reserva internacional estável.

Os obstáculos fragilizavam o regime fordista e sua importância como modelo hegemônico de produção no Ocidente, fazendo com que décadas de 1970 e 1980 se configurassem como um período de intensa reestruturação econômica, política e principalmente de reajustamento social.

Com as economias capitalistas em meio a uma mudança estrutural, dentre essas transformações, a microeletrônica está na raiz da reestruturação, tanto no setor de serviços como na indústria, associada à flexibilidade, à automação pela primeira vez na história da indústria. A nova base técnica, que teve como ponto de partida o setor fabril, contribuiu para o crescimento sem precedentes do nível de integração das mais diversas funções produtivas e entre os mercados através das fronteiras.

A aceleração do progresso técnico fomentou a abertura de novos mercados, inclusive em países capitalistas emergentes como o Brasil, onde o próprio complexo eletrônico com a incorporação de avanços científicos constitui a base para o lançamento de inovações responsáveis pela reestruturação de algumas indústrias.

Cabe salientar que, entre os vários aspectos da transformação social relativo ao progresso técnico na indústria, o principal se encontra na mudança da percepção do papel gerencial, em evidência, também, no setor de serviços.

Muitos cientistas sociais, atentos a essa nova dinâmica de reprodução das relações de trabalho, alguns deles analistas internacionais, basearam suas considerações na realidade dos países mais desenvolvidos, onde apontam com ênfase para uma radical revisão do papel do trabalho nas estratégias de produção das empresas. Dessa maneira, a conclusão a que se chega, com relação ao novo caminho percorrido pelo mundo do trabalho, é que este estaria deixando de ser percebido e utilizado única e exclusivamente como um componente de custos para tornar-se adicionalmente fonte de recursos.

Na busca de outras maneiras de acumulação de capital, ocorreram mudanças quantitativas e qualitativas no emprego, mas principalmente com as práticas de gestão do trabalho nas empresas. Com a tendência à reformulação do trabalho industrial, o aumento do grau de qualificação médio da força de trabalho, o crescimento do nível de escolaridade dos operários e, por fim, o desenvolvimento de estratégias de gestão do trabalho visando, sobretudo, obter a cooperação dos operários através do trabalho polivalente com o esforço intermitente, tanto físico como mental, marcam o atual momento das relações sociais de produção.

No Brasil, a estrutura ocupacional da indústria é extremamente polarizada entre a massa de trabalhadores semiqualeificados ou sem qualificação, mas o foco de nossa análise incide sobre uma parcela menor composta por trabalhadores qualificados tanto técnica como intelectualmente.

Quando nos reportamos à análise dos trabalhadores de duas montadoras de veículos multinacionais, localizadas no estado do Paraná, nas cidades de Curitiba e de São José dos Pinhais, Região Metropolitana de Curitiba (RMC), na verdade, estamos interessados nos efeitos da reestruturação produtiva, como processo de trabalho em relação à categoria profissional do soldador. Apesar de possuírem melhor condição financeira perante outros operários, os soldadores, em duas multinacionais sujeitam-se a um regime de sobreposição de tarefas, além de se submeterem a um ritmo de produção acelerado.

Necessita de esclarecimento a questão relacionada à comparação que será realizada, entre os anos 1970, na região do ABC paulista, e nos anos de 2006 e 2007, em Curitiba e São José dos Pinhais, devendo-se a dois fatos bastante

significativos: o primeiro deles está na presença da solda nos moldes industriais mais atualizados na produção de veículos automotivos em Curitiba e RMC; o segundo elemento importante será de evidenciar o contraste produtivo, no sentido de como se deu o processo de transformação desse setor desde sua implantação no ABC paulista até chegarmos a um contexto flexível de produção que altera, sobremaneira, a condição de trabalho e de vida dos soldadores nas duas empresas multinacionais de alto rendimento no Estado do Paraná.

A década de 1970 significou para o Brasil um período de grande expansão da atividade industrial, no que diz respeito ao significativo crescimento de uma estrutura industrial integrada e apoiada no processo anterior de desenvolvimento realizado na segunda metade dos anos 1950.

No período que antecede à reestruturação produtiva, características como o forte autoritarismo no gerenciamento do trabalho, fundamentado pela extrema parcialização das tarefas, pelo uso extensivo da força de trabalho não qualificada e altas taxas de rotatividade de fato assumiam o espírito de uma época na qual o contexto político autoritário era predominante no país.

A profunda recessão que assolou o Brasil e que teve início entre os anos 1984 -1985 foi o estopim de uma abertura democrática. Neste contexto, o setor industrial iniciava a busca de alternativas com o incremento de novas formas de organização do trabalho baseadas, sobretudo, nas técnicas japonesas (LEITE, 2003, p. 72). Mas a tônica do período precedente, nos governos Collor – Itamar (1990-1994) no tocante à política industrial, foi o abandono de políticas verticais que procuravam impor condicionalidades. Quando eram oferecidos subsídios, criavam-se regras de comportamento que assumiam um significado discriminatório em termos setoriais.

Dois exemplos são paradigmáticos na guinada da política industrial brasileira: de um lado, o fim da reserva de mercado da informática que eliminou uma série de fatores protetores e fomentadores que davam a essa atividade um *status* dentro de um conjunto da indústria, ainda que alguns novos estímulos tenham sido criados. A segunda ação efetiva era em relação à adesão, por parte das empresas ao PBQP (Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade) que, em linhas gerais, tinha por objetivo difundir modernas técnicas de produção e gestão para todo o parque industrial (COMIN, 1998, p. 29).

A maioria das pesquisas tem demonstrado, no caso brasileiro, que a reestruturação no setor industrial acontece de maneira mais efetiva no que se refere à gestão e organização do trabalho e menos através de inovações tecnológicas (DRUCK & BORGES, 2001, p.111).

Essa nova etapa do capitalismo foi denominada por alguns estudiosos de era flexível e que se apóia na flexibilidade dos processos laborais do mercado de trabalho e dos padrões de consumo, fomentando o surgimento de setores de produção até então inexistentes.

Com o esgotamento da fase de acumulação capitalista sob a égide fordista, a emergência de um novo modo de acumulação, fundamentado na flexibilização das relações de trabalho e produção, torna-se a alternativa viável perante a ausência de criatividade na superação da crise.

Considerando a indústria como o grande laboratório dessas transformações nos modos de produção, evidencia-se um processo que compatibiliza mudanças institucionais e organizacionais nas relações de produção e trabalho, bem como redefine papéis de estados nacionais e das instituições financeiras, visando à garantia de lucratividade, mas principalmente, o incremento de novas tecnologias informatizadas.

Em concomitância com a flexibilização das relações de trabalho, a reestruturação produtiva industrial se configura como ponto de partida para evidenciarmos o trabalho do soldador na indústria automobilística paranaense, seja nos aspectos ligados às permanências, seja com relação às mudanças no contexto mundial de produção.

O trabalho de soldagem segue as normas de um contexto produtivo. Nesse sentido, a intenção será de descrever como ocorreu a fase de transição desse processo, enfatizando as diferenças alcançadas no fordismo em relação à reestruturação produtiva.

Na década de 1970, a concepção que havia em torno do processo de soldagem se encontrava sob uma perspectiva quase inteiramente manual, assim como as diversas operações que envolviam transporte, transferência e estocagem de peças. Em termos gerais, as linhas convencionais da área de soldagem, na produção de carros de passeio, se caracterizavam pelo processo manual, sendo realizadas por operários ponteadores que manejavam alicates ou harpas de solda a ponto, denominadas ponteadeiras. Um número menor de operações era feito por



soldadores, que manejavam instrumentos de solda contínua, por exemplo, maciços. No entanto, para que as partes fossem soldadas na posição correta, os ponteadores e soldadores tinham de ajustá-las umas às outras sobre cavaletes de montagem, fixando-as com garras acionadas manualmente (CARVALHO, 1987, p.122).

Como havia um pequeno número de ajudantes, os operários eram também responsáveis por quase todas as operações de manipulação, carregamento e estoque das partes em processamento. Portanto, na linha convencional, a integração entre operações de soldagem e a própria coordenação do processo estava, em grande parte, sob responsabilidade dos operários, inclusive na compatibilização do ritmo de operações sucessivas e, claro, sob o controle da chefia.

O trabalho tem início pela submontagem da carroceria de veículos em três conjuntos básicos: a frente, o assoalho traseiro e o assoalho central. É importante lembrar que à medida que os conjuntos eram soldados, iam crescendo em tamanho e peso e maior era a força necessária para carregá-los e fixá-los nos cavaletes de montagem. Da mesma forma, quanto maior o conjunto, maior e mais pesada a ponteadeira e, portanto, mais difícil e cansativo o trabalho. A parte final da submontagem desses subconjuntos era realizada sobre uma pequena linha circular móvel mecanizada, chamada carrossel, e a passagem à fase seguinte era feita manualmente.

Nas empresas sediadas no ABC paulista, onde eram produzidos os veículos, era realizada a montagem da parte inferior completa do monobloco do veículo sobre três grandes cavaletes sucessivos. Devido ao peso das peças e ferramentas manipuladas, as operações eram dificultosas e provocavam desgaste físico nos operadores. Nessas operações fundamentais sob a ótica da qualidade do produto, estavam envolvidos 12 operários.

A parte inferior completa seguia manualmente transportada ao longo da linha, onde recebia as laterais. Estas que foram montadas num outro carrossel, disposto à direita da linha, eram apenas fixadas, mas não soldadas.

Por fim, todo o conjunto era movimentado sobre carrinhos pelos operários para a área de montagem do monobloco, onde a montagem final poderia se dar alternadamente ou no interior de uma grande prensa de solda multiponto. Trata-se de um mecanismo eletromecânico que dispunha de instrumentos de sujeição que fixavam e ajustavam as diversas partes da carroceria uma às outras, enquanto um

operário acionava um mecanismo que liberava um conjunto de eletrodos automáticos. Eram aplicados em torno de 28 pontos de solda simultâneos. Mesmo quando a prensa era utilizada, havia uma complementação de ponteação manual.

Nesse método de trabalho, as operações manuais são muito complicadas, com algumas soldas sendo realizadas dentro das carrocerias, exigindo verdadeiras acrobacias dos operadores. Não obstante, como se trata da operação em que são dados os pontos de junção que são estruturais e unem as partes inferiores, laterais e teto, ela é a operação-chave no que se refere à dimensão e qualidade da carroceria.

Todo montado, o monobloco segue para a terceira fase, na qual recebe as soldas de reforço e de preenchimento de frestas sobre uma linha móvel. Com a linha de reforço, encerra-se o processo de armação/soldagem e os monoblocos são transportados para a funilaria para receber acabamento.

Podemos perceber, através dessa breve descrição feita por Carvalho (1987), que o funcionamento do processo de soldagem, nos moldes fordista, difere do processo atual de trabalho no setor.

Na linha convencional, a integração entre as operações de soldagem e a própria coordenação do processo se encontravam sob o domínio dos operários, e o transporte, bem como a disposição da peça a ser soldada era movimentada pelos trabalhadores, exigindo, assim, um considerável dispêndio físico de energia.

Em termos de organização da produção, não houve grandes modificações no setor com o advento da reestruturação produtiva industrial. No entanto, a forma de organização do trabalho modificou-se com a incorporação de várias inovações tecnológicas, afetando todas as etapas da montagem. A presença de esteiras, comumente chamadas de carrossel, no traslado dos objetos a serem soldados também salienta a mudança que ocorre no decorrer das atividades e com consequências importantes.

Um dos pilares da reestruturação produtiva está justamente na implantação da microeletrônica no processo produtivo na fase de transição. De acordo com sua função principal, que corresponderia à introdução de máquinas de soldagem controladas eletronicamente, houve a substituição do trabalho manual em todas as operações consideradas críticas, seja do ponto de vista da qualidade do produto, sejam em relação aos pontos de estrangulamento do fluxo produtivo.

Embora sejam máquinas rígidas, como a prensa convencional, o seu controle é através de CLPs<sup>5</sup>, que permite uma ampliação substancial de sua capacidade, dando cada uma de 60 a 80 pontos de solda simultâneos. O mecanismo eletrônico de controle permite a utilização de programas de autodiagnóstico, tornando mais rápida a manutenção e economicamente “viável” a ampliação da capacidade.

Essa concepção de produção segue um caminho cuja implantação da microeletrônica leva automaticamente à robotização em setores estratégicos da produção, induzindo a marcação do ritmo de trabalho do profissional da solda, como em outros setores.

A análise nesse instante se torna fundamental, pois evidencia a importância do ofício do soldador no setor industrial, configurando-se como um dos primeiros ambientes de trabalho e na vanguarda das transformações pelas quais passam os trabalhadores da área fabril moderna.

No processo de transformação da indústria, está implícita a mudança no modo de produzir manufaturas, mas, principalmente, na organização e controle técnico da produção fabril. No caso brasileiro, muitos motivos levaram as montadoras de automóveis a desenvolver projetos graduais de automação microeletrônica. Alguns desses motivos estão relacionados aos padrões de utilização do trabalho e que se refletem no emprego, na natureza dos trabalhos afetados, bem como na qualidade de vida do trabalhador.

A comparação entre os custos dos robôs em detrimento do custo da mão de obra operária é evidente, na medida em que a produção de robôs é uniforme, de melhor qualidade e com melhores índices de re-trabalho. Além disso, há a possibilidade de produção de lotes de veículos diferenciados que reforça a viabilidade econômica em relação à nova tecnologia. Devido a essa reformulação, torna-se vital para a indústria automobilística o domínio tecnológico, uma vez que a microeletrônica ocupa boa parte da produção de montadoras em todo o mundo.

Portanto, a contingência assume o lema “automatização ou extinção” no que condiz à produção de veículos, porque novos padrões de qualidade, produtividade, organização e controle da produção são tecnicamente insuperáveis até o momento. A tecnologia está revolucionando as condições de produção não somente industrial,

---

<sup>5</sup> CLP - Controlador Lógico Programável - *Software* cuja utilização se dá em instrumentos de medição e controle, aumentando os níveis de integração, continuidade e controle global dos fluxos produtivos (CARVALHO, 1987, p.86).

mas também na grande maioria das áreas do conhecimento humano. Todavia, importantes conseqüências afetam os operários que, por conseguinte se traduzem nas relações sociais com a adoção da tecnologia microeletrônica no cotidiano, seja através da indústria como até mesmo no uso diário da informática em operações básicas do dia-a-dia que

[...] começa a influenciar e [...] irá alterar os mecanismos gerais de funcionamento da sociedade moderna. Desde as condições de trabalho e produção, passando pelas relações sociais de produção, processos de comunicação e transporte, administração institucional e política, esquemas de representação social, entre outros, a nova tecnologia tende a penetrar profundamente nos modos de vida e comportamento de indivíduos. Seu adequado conhecimento e domínio, portanto, são básicos para o livre desenvolvimento das nações. A dependência tecnológica nos dias de hoje significa não ter passaporte para um futuro, no mínimo, tecnicamente melhor (PELIANO, 1987, p. 81).

A fusão do modelo fordista de produção com o modelo representado pela reestruturação produtiva, abriu margem para uma série de ajustes no ambiente industrial, desde o papel da ciência na mecanização, intensificação da robótica e automação, informatização do trabalho até a própria gestão do trabalho nos parâmetros do sistema *just-in-time* para abastecimento da linha de produção, além de culminar no ambiente fabril o atributo extenuante em detrimento ao profissional da solda.

Quanto ao papel da ciência, mencionar que a revolução técnico-científica favoreceu a apropriação de conhecimentos para a dominação do operário não representa nenhum dado novo; mas o que chama atenção hoje está relacionado com a unidade entre concepção e execução, mão e mente que o capitalismo ameaçava desde sua origem, sendo dissolvida sistematicamente pelos recursos da engenharia e da administração (FRANCA, 2007, p. 28).

Não se pode negar que a robotização representou uma mudança para melhor no que diz respeito à quantidade e à qualidade dos automóveis, mas trouxe para os operários uma nova alternativa de produção, todavia, com o advento do robô, o trabalho humano torna-se dispensável, criando um contingente de desempregados qualificados ou semiquilificados. Ao contrário da robótica, que teve influência restrita à linha de produção, o advento da informática emergiu em todos os ambientes de trabalho, dentro e fora do âmbito fabril, e como salientou Franca (2007, p.34): “a

máquina foi superada pela informática e a mecanização, por sua vez, pela informação”.

Enfim, através desse conjunto de mudanças, pode-se perceber um mundo do trabalho em constante movimento, com ações no ambiente fabril que favorecem amplamente o controle, deixando não só os operários assim como os trabalhadores em geral em situação difícil, seja pela forma condensada de atuação profissional, ou por gerar um resultado observado pela própria conduta de resignação que oprime o sujeito trabalhador como ser humano.

### 2.3 O CARÁTER HÍBRIDO DA PRODUÇÃO DE VEÍCULOS E O CONTROLE TECNOLÓGICO SOBRE O SOLDADOR

Passando a fase com características de ajuste e transição, somente na década de 1990 verifica-se o período de intensificação da reestruturação produtiva no Brasil, devido à dificuldade da classe empresarial em colocar os seus produtos no mercado interno. Soma-se a isso a política implantada no governo Collor, que, dentre outras coisas, permitiu a abertura do mercado interno para produtos importados.

Naquele momento, o padrão da gestão da força de trabalho nas indústrias, no Brasil, ainda estava centrado em um forte autoritarismo, caracterizado pela extrema precarização das tarefas e pelo uso extensivo da força de trabalho não-qualificada, altas taxas de rotatividade e a adoção de complexas estruturas de cargos e salários.

O índice de rotatividade foi ascendente entre os períodos de 1985 -1988 em todos os setores da mão de obra industrial, em que verificamos, por exemplo, a categoria dos soldadores com o aumento do índice de rotatividade de 55,8% para 64,8%, demonstrando um dos pontos desse difícil período (LEITE, 2003, p. 78).

Chama a atenção nesse momento de transformação, o rigor com relação ao trabalhador da indústria automobilística, em que uma contingência toma a forma de consenso no que diz respeito à classe empresarial, pois, quanto mais se intensifica e se aprofundam mudanças, mais nocivos se mostram os processos sociais como efeitos de uma reestruturação produtiva.

A adoção de uma outra modalidade tecnológica oportunizou a introdução no país de certos mecanismos na organização da produção, aumentando significativamente o controle técnico sobre o ritmo e a intensidade do trabalho, em

detrimento da capacidade dos trabalhadores de produção de influir sobre o que acontecia na fábrica (CARVALHO, 1987, p.130).

Elementos que fazem parte do cotidiano da vida dos trabalhadores na indústria, hoje, tomavam forma, no período de transição com a implementação da microeletrônica: a redução da mão de obra, o aumento do controle gerencial sobre o processo produtivo, sobretudo, em relação ao trabalhador, configurando-se como elementos fundamentais a médio e longo prazo nas questões ligadas à reestruturação produtiva. Mas a principal mudança estava associada à reestruturação do trabalho na solda, tornando-o mais intenso, ritmado e subordinado à linha de montagem. Embora fosse mais leve o transporte da peça para soldagem pelo fato de haver o carrossel, com o surgimento dos robôs em partes estratégicas da linha de produção, intensifica-se o nível produtivo.

Uma situação inusitada ocorre quando há a substituição do transporte manual para os carrosséis, e os soldadores acharam vantagem na mudança. Entretanto, com o passar do tempo, esses trabalhadores perceberam a armadilha dos gestores da produção, pois foi trocado o dispêndio físico no ato de fazer o transporte manual para a soldagem da peça na bancada pela intensificação do ritmo de trabalho, fazendo com que diminuíssem os períodos de porosidade do trabalho, retirando desses trabalhadores o domínio da produção, ou seja, os soldadores se submetiam ao ritmo da esteira de produção.

Em virtude das transformações no mundo do trabalho, suas conseqüências abrangem todo o profissional, pode-se perceber que as mudanças sob a égide da era flexível nos informam sobre a não existência da perspectiva de longo prazo, novas maneiras de organizar o tempo e o próprio trabalho. Não havendo longo prazo nas relações profissionais, há a corrosão de aspectos muito marcantes da vida ligada ao trabalho, como a confiança, a lealdade e o compromisso mútuo (SENNETT, 2005, p. 53-73).

A dimensão do tempo no novo capitalismo afeta a vida emocional das pessoas fora do local de trabalho, transferindo essa situação em muitas vezes para o ambiente familiar, porque há uma dificuldade de comprometimento com relação ao outro, seja ele colega de trabalho ou até mesmo um familiar.

Constata-se, portanto, um período de crise de modelos que compreende as questões da fase atual, caracterizada pela fragmentação de sentimentos ambivalentes que oscilam desde a revolta até à resignação e passividade em

relação às dificuldades que se impõem aos trabalhadores ligados à indústria de alto rendimento.

Um dos pontos centrais do atual fazer sociológico se encontra no exame das relações sociais em tempos de flexibilização das relações de trabalho e, dessa forma, a necessidade de saber converter problemas sociais em operações científicas práticas em algo cujo conteúdo seja abstrato é a grande tarefa. Em vista disso, descrever o trabalhador da solda no exercício do seu ofício configura-se o primeiro passo para o entendimento da profissão dentro de um regime produtivo em constante transformação e, que erige a necessidade de apreensão desse sujeito como trabalhador no seu contexto.

Depois de descrever como as empresas do ABC paulista atuavam nos anos 1970, no que condiz ao trabalho da solda em veículos, passamos agora a realizar uma descrição do mesmo ofício acompanhado de perto nos anos 2006 e 2007, a fim de estabelecer um contraste importante no conjunto de atividades que envolvem a solda nesses dois períodos, salientando a mudança da natureza do trabalho e a influencia desse na vida dos soldadores envolvidos na produção de veículos de alto rendimento.

Ambas as empresas são multinacionais. A primeira, denominada empresa A, produz veículos de grande porte como caminhões e ônibus. A segunda montadora, convencionada de empresa B, insere-se no mercado com a produção de carros de passeio, veículos utilitários e a fabricação de motores, além de trabalhar em parceria com outra montadora estrangeira.

Em linhas gerais, nas duas empresas pesquisadas, os soldadores têm um procedimento de trabalho bastante semelhante, sendo organizados em equipes. Geralmente, cada equipe tem em torno de 14 a 20 soldadores, divididos em turnos e com alternância de funções; no caso, o sujeito que realiza a soldagem nas portas, em algum momento do dia, passa para a soldagem em outra parte do veículo.

Com o aquecimento do setor industrial, nesse início de milênio, a média de produção na empresa A gira em torno de 32 caminhões pesados, 16 caminhões leves e 4 ônibus por dia, no entanto, para esse último, o processo de soldagem vem de outro local.

A média de idade dos soldadores varia dos 23 aos 35 anos. Constatou-se também a presença feminina no ofício da solda na empresa A, onde a inauguração da soldagem de carrocerias se deu há aproximadamente 8 anos, em 1999.

Tanto no primeiro, quanto no segundo turnos, existem 4 equipes, em cada equipe, há sempre um funileiro. É variável, contudo, a quantidade de pessoas que compõem a equipe, pois, no segundo turno, é menor o número, cerca de 8 soldadores.

O modo de funcionamento da multinacional B não difere em condições gerais da primeira montadora descrita. No entanto, sua inserção no ambiente automobilístico se enquadra na produção de veículos de passeio, onde são produzidos aproximadamente 380 carros por dia, enquanto a produção de veículos utilitários gira em torno de 30 a 40 veículos por dia.

Essa empresa possui dois turnos em ritmo normal e um terceiro que se dedica ao suporte, que é a produção de estoque, no sentido de suprir os turnos restantes. Uma característica interessante diz respeito à não cobrança de produção por parte desse terceiro turno.

Sob a égide do supervisor<sup>6</sup>, uma equipe na empresa B geralmente tem, no máximo, 24 pessoas, mas que, em algumas equipes, o número pode variar de 40 até 50 trabalhadores. Foi observada, na empresa B, a presença maior de trabalhadores no ambiente fabril em relação à empresa A. No caso específico do setor de soldagem, 80% da solda são realizadas por máquinas.

Com a abertura dos mercados, nos anos 1990, efetivamente a reestruturação produtiva começa a ser implantada no Brasil. Impulsionador dessa nova etapa é o fato de as empresas passarem a concentrar seus esforços nas estratégias organizacionais e na adoção de novas formas de gestão do trabalho mais compatíveis com as necessidades da flexibilização da produção, na qual o envolvimento dos trabalhadores com a qualidade e a produtividade assume as características básicas desse processo produtivo.

Na realidade, dois foram os fatores que colaboraram para impulsionar as empresas em direção a uma estratégia ligada à inovação técnica mais efetiva: a crise do mercado interno brasileiro e a conseqüente diminuição desse mercado e, por outro lado, a política de abertura adotada pelo governo Collor, obrigando as empresas a melhorarem suas estratégias de produtividade.

As formas de gestão do trabalho, nesse momento, assumem importantes mudanças: uma preocupação maior com a estabilização dos trabalhadores, a

---

<sup>6</sup> Supervisor é o operário que está no nível imediatamente superior ao soldador. Esse funcionário dedica-se a inspecionar o andamento geral no setor onde atua nas empresas em questão.



questão do treinamento, a simplificação dos cargos e salários e, por fim, a diminuição dos níveis hierárquicos.

A condição de efetivar o plano de transformação da indústria está intrinsecamente ligada ao trabalho em grupo no interior do ambiente fabril e, com essa implantação, a estrutura hierárquica de comando foi também alterada, e os operários não são mais controlados pelo encarregado ou líder, mas pelo supervisor. Essa situação fica evidente no Quadro 1, no estudo realizado por Franca (2007, p. 55), com operários da General Motors, em São José dos Campos (SP).

**Quadro 1**  
**Estrutura hierárquica da GMB (General Motors Brasil)**

<b>Antes de 1991</b>	<b>Depois de 1991</b>
Presidente	Presidente
Diretor	Diretor
Gerente	Gerente
Encarregado Geral	
Encarregado	Supervisor
Líder	Coordenador
Operário	Operário

Fonte: R. Marx, 2007 apud Franca, op.cit., p.191.

Notamos, pelo quadro acima, que a supressão de alguns cargos e funções está presente em todas as empresas, cuja sintonia com a produção é atualizada pelo mercado, compreendendo, dessa forma, todas as grandes corporações, sejam elas localizadas no Paraná ou em São Paulo.

Na esteira desse processo, não devemos esquecer as tecnologias informacionais, pois estas se apresentam como indispensáveis para a fluidez do atual sistema produtivo fabril. O sistema de gerenciamento do processo de produção *just-in-time* é um caso a parte de todo um contexto e afeta o profissional da solda. Basta salientar que o sistema *just-in-time* corresponde a um tipo de organização da produção capaz de dar resposta instantaneamente à demanda, mantendo estoques mínimos.

Através desse sistema produtivo, é possível manter a continuidade e a aceleração do ato de produzir, tanto dentro como fora da fábrica, e, isso, atinge o operário, facilita o controle simultâneo do fluxo dos produtos e os meios de trabalho na forma de coesão e na condensação das atividades e do espaço de trabalho direto. No caso específico da indústria automobilística, o fluxo produtivo entre as extremidades do processo (no caso, o estoque e o pátio das montadoras) faz desaparecer espaços de produção e de capital imobilizados em fases que não representam efetiva produção, ocasionando, nessa redução de setores produtivos da fábrica, a redução do tempo de produção, sobretudo, o número de trabalhadores.

Em vista disso, o sistema *just-in-time* não se restringe à linha de produção e tampouco ao processo produtivo direto, muito comum no fordismo em âmbito espacial, em que ambos, em termos funcionais, representam procedimentos mecânicos de controle (FRANCA, 2007, p. 38). A produção orientada pela demanda preconiza o sistema de gerenciamento *just-in-time* baseia-se no princípio de que todo o circuito produtivo ou todas as fases da produção deve se desenvolver em total sintonia.

O principal aspecto, sobretudo o ponto nevrálgico do referido sistema, é que seu funcionamento está subvencionado ao mercado, ou seja, o que será produzido (no caso, veículos em termos de modelo e quantidade); aquilo que o próprio mercado demanda. A produção é orientada inicialmente pelo consumo.

A orientação da produção em função da demanda de mercado, no caso da produção de veículos, engloba setores outrora de menor importância no processo produtivo e que agora são fundamentais, como o *marketing* e a nova abordagem na venda desses produtos. Sendo assim, a combinação de três elementos – a venda, o *marketing* e a concessionária – representa a tríade que rege a composição enviada ao setor de Controle de Produção das indústrias.

Esse funcionamento se tornou padrão, na última década, nas multinacionais produtoras de veículos, onde o setor de Controle de Produção dá o sinal para que se inicie a produção, tanto na empresa matriz quanto nas subsidiárias. A informação aos setores de fabricação das empresas pesquisadas já vem sequenciada, o que significa que os componentes produzidos são enviados para o setor de montagem na sequência e no tempo certo.

A reestruturação, no que diz respeito ao abastecimento, garante um fluxo praticamente ininterrupto da linha de montagem, com a adoção de procedimentos

para o seu funcionamento, como o *just-in-time*, para a autoalimentação da linha de produção.

Os procedimentos *Kanban*<sup>7</sup> e *andom*<sup>8</sup> fazem parte do funcionamento do processo de produção de peças em face das necessidades da demanda puxada pelo processo final de comercialização do veículo, já citadas, no caso, o *marketing* e a nova formatação de vendas empreendida pelas montadoras. As vantagens que favorecem a maximização dos lucros neste sistema são evidentes, pois com os procedimentos de abastecimento, a fábrica funcionará com um estoque mínimo, evitando o desperdício de material, que redundará no final do processo na eliminação de antigos espaços de trabalho.

Outra questão que suscita o debate e que afeta o soldador é que o sistema *just-in-time* condensou, na linha de montagem, não somente o estoque e o abastecimento, como também o controle da qualidade do produto a ser produzido.

Essa característica está presente no conjunto de atribuições dos soldadores pesquisados, ou seja, além do soldador ter que se adequar ao ritmo dos robôs, a preocupação com a qualidade enquanto se ocupa da soldagem é freqüente, recaindo sob os ombros dos operários o ônus da produção do veículo e, em qualquer problema estrutural, o trabalhador é duramente responsabilizado pela empresa.

A forma de ação da empresa nos é revelada pela fala de um soldador entrevistado da empresa B, que reforça a perspectiva de controle sob o operário, como podemos ver a seguir:

A minha responsabilidade é... eu soldo suspensão do carro. Se esta suspensão do carro, o calço, eu soldo o calço pra aumentar a suspensão do carro, se esse carro estiver na mão do cliente, este calço que eu soldei na suspensão e esse carro 'vim', ... a capotar na BR, ou acontece qualquer outro problema com o cliente que comprou o carro ou com a família dele que 'tá' nesse carro, a empresa passa pra gente que isso pode ser cobrado civilmente do funcionário que executou aquele trabalho [...] Cada carro... tem documentação que passa pelo tacto de trabalho que a gente carimba, executa o trabalho e bate um carimbo (...), no documento desse carro com o nome da gente e com o registro do crachá [...] que aquele trabalho foi executado pela gente. (*sic*) (SILVA JARDIM, 2008. Entrevista nº 7 com um

<sup>7</sup> *Kanban* - procedimento de abastecimento de peças, mas que utiliza cartões acionados manualmente para comunicar a necessidade de determinado componente, onde seu objetivo consiste na substituição de materiais e, equipamentos pequenos, leves e abastecidos manualmente (FRANCA, 2007, p.44).

<sup>8</sup> *Andom* - procedimento que utiliza sinais eletrônicos para informar a falta de uma peça ou componente, onde os sinais são refletidos num quadro eletrônico, indicando que a peça deverá ser reposta. Seu propósito é o abastecimento de equipamentos grandes e manuseados por empilhadeiras ou carrinhos (Ibid., p.45).

soldador de produção, em uma montadora de veículos, em 21 de fevereiro de 2008).

Elementos característicos da cadeia produtiva são percebidos e não foge ao que havíamos mencionado anteriormente, cujo ciclo de produção que envolve a correlação *marketing*/venda e a provável inserção negativa na mídia torna - pela lógica das relações entre gerência e trabalhador - a possível cobrança por parte da empresa, como relatou o soldador em sua fala.

A eliminação de fases na linha de produção, do circuito de capital e, por conseguinte, do espaço do chão de fábrica também faz parte deste reordenamento, implicando principalmente redução de trabalhadores ligados a etapas de produção que perderam a razão nessa lógica capitalista, agora sob os auspícios da flexibilidade.

Os trabalhadores que tinham na indústria a função de transportar e estocar a produção foram automaticamente excluídos, da mesma forma que, a partir da supressão desses espaços que agora se tornam ociosos, se implanta, nas células de trabalho, bem como na linha de produção, uma intensidade maior de trabalho a esses operários.

Hoje o cenário da produção industrial está ligado a uma relação antagônica entre o sistema *just-in-time* e os operários. Esse sistema aumenta o esforço físico, a medida que há o enxugamento de atividades na linha de produção, ocorrendo uma série de qualificações muito específicas das atividades, em que a execução desse processo é feita por um número cada vez menor de operadores, que se alienam à proporção que se especializam tecnicamente para fazer frente às exigências produtivas.

Fica, dessa forma, a nítida impressão de uma eliminação paulatina da porosidade no trabalho, ou seja, na redução de espaços onde o sujeito fica impedido de administrar seu tempo e atividades no local de trabalho, dificultando o fortalecimento de seus vínculos com os demais colegas, agindo de forma mais espontânea. Essa constatação fica evidente quando ocorrem alguns reflexos dessas mudanças como a ausência de trabalhadores na linha de produção, como um dos motivos de paralisação na linha de montagem, conforme depoimento coletado, a seguir:

Eu me lembro que participei de uma... De uma parada dessas, que a gente chegou lá e não tinha... Tinha que ter quatorze trabalhadores e tinha onze só trabalhando, certo! E aí começamos a reclamar: 'Olha! Não estamos conseguindo'. Porque daí a linha, a linha não diminuiu o ritmo e os onze trabalhadores são obrigados a fazer pelos quatorze. Aí, nós [dissemos]: 'Fiquem tranquilos, vocês continuem aí até a hora da refeição, depois da refeição nós damos um jeito'. [...] E aí quando os trabalhadores voltaram da refeição, se diz: 'Oh! Ninguém, ninguém, ninguém solta a linha para trabalhar', todo mundo encostamos para perto da cordinha, de onde puxa a cordinha de soltar a linha e ninguém soltou. Aí, ficou parada 28 minutos a linha de produção. E aí veio o supervisor danado: 'Mas, vocês não podem parar a linha' e tal. 'Não, tá parado, não estamos conseguindo trabalhar, tá faltando gente', certo! (BRIDI, 2006. apud. BRIDI, 2008, p. 148-149).

Nesse depoimento coletado pela pesquisadora encontra-se uma parte significativa da produção flexível, que não apenas suprime atividades espontâneas do sujeito no seu trabalho, sobretudo impõe uma condição de insalubridade tanto física como, principalmente, social, pois esse trabalhador se vê alijado de um suporte coletivo em termos de relação de trabalho, dificultando uma organização imediata que se contraponha a uma atividade altamente desgastante como a de dar conta de uma produção com um número reduzido de trabalhadores.

Um dos resultados desse conjunto de transformações está justamente no controle mecânico do trabalho que é aprimorado a cada instante e cada vez mais instantâneo do que ocorreu com o advento da máquina e do fordismo. O processo de trabalho sob a égide do *just-in-time* se tornou ininterrupto, exigindo do trabalhador mais atenção, uma vez que a continuidade do processo se deveu à concentração de funções sobre um mesmo trabalhador (FRANCA, 2007, p.48).

Por obrigação de ofício, o soldador se torna um operário polivalente, pois, além de assumir funções operacionais habituais, ele se submete à rotina estressante que envolve a manutenção do equipamento que utiliza, bem como o controle de qualidade do que produz. Esse conjunto de obrigações faz com que se evidencie uma possibilidade muito mais vantajosa para a empresa que a proposta produtiva anterior, a taylorista.

Importante salientar outro aspecto, que essa nova lógica produtiva visa, sobretudo, à organização das demandas de classe para um padrão individualizante e diferenciador, em que o trabalho em grupo desempenha um papel de amparo, pois, ao mesmo tempo em que amarra mais fortemente o trabalhador à empresa, afasta-o dos vínculos sociais de caráter público.

Essa observação se torna clara à medida que entramos em contato com os soldadores, como foi expresso na fala desses trabalhadores:

O trabalho de soldador é um trabalho estressante, todos os soldadores que eu conheço que trabalham comigo 'nesse' nove anos de montadora [...] , eles são irritados, porque devido ao trabalho, é, ele não, é só ele e o fogo da solda o dia todo o turno inteiro de trabalho. Então, eu não, eu...todos os soldadores inclusive eu já tive 'poblema' de stress, de depressão tive de fazer tratamento pra isso, eu sou um cara irritado, sou um cara que não tem muita paciência porque é um trabalho que você, só você e seu trabalho, você não consegue se comunicar com seu amigo, porque você 'tá' com máscara na boca, respirador [...] É você, [...] e seu trabalho, é o turno todo você não consegue conversar, você não consegue dialogar com seu amigo é somente você e aquele fogo ali na sua frente ali, que 'se' 'tá'... o fogo da solda que você 'tá' acendendo pra fazer a solda, então eu me sinto assim no meu trabalho assim, muito sem paciência, assim irritado [...] Nós somos cinco soldadores, solda um de um lado de uma carroceria e outro no outro lado, só que só conversa, na hora do almoço. Ou quando chega quebrar a linha, porque os robôs soldam e mandam pra gente, um robô daquele dá um problema lá, um problema eletrônico e tal, aí a gente pode tirar a máscara da boca, que este respirador na boca é pra proteger contra o gás. . (sic) (SILVA JARDIM, 2008. Entrevista nº. 7 com um soldador de produção em uma montadora de veículos, em 21 de fevereiro de 2008).

Há algo inusitado colocado na fala deste soldador e que se apresenta como contraditório, pois ao revelar um dos únicos momentos que existe diálogo entre colegas se dá justamente quando o símbolo do lucro e da eficiência, portanto a marca dessa fase industrial somente ocorre por conta da falha mecânica.

Assim, descrevemos um conjunto de novas formas de trabalho que, obrigatoriamente, passa por sofisticados mecanismos de controle do trabalho e, como consequência, é percebido pelo sujeito no momento em que se subvertem determinadas condições que outrora pareciam intocadas, no entanto, hoje, são otimizadas em detrimento desse operário, como a questão da sobreposição de tarefas, a responsabilização e intimidação em caso de algum problema que venha a envolver algum automóvel.

## **CAPÍTULO III - A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA COMO PROBLEMA SOCIAL**

### **3.1 O SUJEITO: ASPECTOS DA CONDIÇÃO DE TRABALHO**

Uma preocupação atual se refere à assimilação da abordagem sociológica e seu arcabouço de conhecimentos, devendo ter como efeito a modificação de forma mais profunda e apropriada em relação aos problemas do mundo social. Dessa maneira, um questionamento se torna inevitável: como se deve proceder para mobilizar, na prática, as teorias e, simultaneamente, o procedimento e apreensão do mundo social como coleta e análise dos dados.

A relativização do que se entende por objeto sociológico e problema social é importante, pois um problema social em si não é, como se julga, muitas vezes, um problema sociológico, entretanto se torna viável a possibilidade de estudar sociologicamente um problema social. A objetivação sociológica, portanto, tem dupla dimensão, seja na desconfiança da experiência no ato da entrevista, ou no fato de levar em consideração a mesma experiência, no caso, valorizando o que os soldados colocaram como conteúdo que se enquadra na proposta da pesquisa de campo.

A dupla dimensão referida foi observada em uma entrevista realizada com um soldador da empresa A. Perguntamos se, em algum instante, o trabalhador se sentia pressionado e se essa condição já havia lhe causado algum problema. Prontamente, o entrevistado declarou que nunca havia sentido pressão e que por conta do trabalho, jamais havia tido problema de saúde, exceto alguns cortes quando permanecia poucos dias afastado, retornando normalmente aos seus afazeres profissionais. Enquanto se desenrolava a conversa, essa situação ficou em aberto e precisávamos de alguma forma, extrair do entrevistado o conteúdo que realmente faria a diferença para a entrevista. Perguntamos a esse soldador se, após o término do seu trabalho, havia algum resquício que o impedia de se desligar de seus afazeres profissionais e tivemos a resposta da pergunta anterior:

Hoje em dia, eu tenho conseguido mais, porque eu tinha um costume que eu saía daqui, às vezes tava dando até problema de saúde 'né mim' que tipo... eu saía, saía e ficava com aquilo na cabeça. Daí, chegava em casa, passava o tempo e dava uma desligada,[...] mais tarde, tipo ia dormir, parece que voltava na cabeça. Acordava cedo e aquele negócio na cabeça e aí 'cê' vivia parece que 24 horas pensando naquilo, 'cê' saía,

vamos supor lá de baixo, lá no setor e ia pro ambulatório, ficava com a cabeça que o setor tava andando [...] que tinha que voltar rápido, daí fui aprendendo a me desligar né, porque daí, tipo, só tava afetando pressão, stress, vivia ah...mau humor [...] ia medir pressão sempre tava alta a pressão. Então, hoje em dia, eu não esquento a cabeça 'quebro...quebro', 'paro'...'paro' saio daqui cinco horas [Este soldador trabalha no 1º turno que começa às oito da manhã e se encerra às 17 horas] vou embora e só vou me preocupar de novo amanhã cedo a hora que eu entrar de novo [...] Acho que é amadurecimento. (*sic*) (SILVA JARDIM, 2007. Entrevista nº 4 com soldador de produção, em montadora de veículos, 14 setembro 2007).

Essa questão que envolve a desconfiança com a experiência relatada e o fato de levar em conta a mesma experiência salienta a real situação vivida em campo, pois, no início, ao inquirir o operário, talvez ele não tivesse se sentindo muito à vontade para falar sobre uma questão delicada, como a ligada à sua saúde, o que nos obrigou a pensar em outra abordagem da questão, em momento mais oportuno, já no final da entrevista.

No decorrer da pesquisa, percebemos que um problema social varia segundo as épocas e regiões, isso porque os fenômenos gestados na indústria fazem parte da sociedade como um todo e, em relação à reestruturação produtiva e à flexibilização que se estabelecem no mundo do trabalho, esse é um fenômeno de mediação das relações sociais.

Colocar em discussão essas questões, estabelecendo parâmetros, desde o surgimento e a difusão dessas novas formas de trabalho e de sua gestão, em um mundo globalizado, leva a compreender a condição específica do Brasil e do estado do Paraná, assim como em relação ao setor automotivo. Esta nos pareceu ser a maneira mais acertada para apreensão do processo de instauração desses fenômenos – o advento da reestruturação produtiva e a flexibilização das relações de trabalho, bem como o papel dos sujeitos envolvidos nessa nova dinâmica.

O que se entende em termos de princípio da divisão do trabalho é o que estrutura a distribuição das tarefas entre grupos sociais e, ao mesmo tempo, as categorias que proporcionam avaliação e entendimento das situações vividas. As lutas que envolvem esses grupos sociais têm sempre a intenção de manutenção/transformação das divisões do mundo social, sobretudo, quando estão em jogo determinadas conquistas sociais. Nesse ponto, o processo de desregulamentação dos direitos dos trabalhadores é hoje algo que faz parte de uma realidade social que, em termos de resistência, se manifesta de variadas formas,



seja no estado de direito, categorias de pensamento, movimentos sociais e tantos outros.

Por isso, tratar um problema social como objeto de pesquisa, leva o sociólogo a analisar o processo pelo qual se constrói e se institucionaliza o que, em determinado momento do tempo, é construído como tal (CHAMPAGNE, 1998, p.73).

Nos capítulos anteriores, foi objeto de análise o processo de construção de um período histórico e seus desdobramentos, cujo desenvolvimento redundou em uma transformação industrial sem precedentes, bem como na institucionalização de nova prática industrial em termos técnicos e econômicos, mas o ponto final desse redirecionamento industrial são os sujeitos que, nesse setor produtivo, atuam profissionalmente, nesse caso, nas multinacionais sediadas no Paraná.

Embora um problema social seja, como toda a problemática sociológica, o produto de uma construção, acontece de maneira diferenciada em termos de princípios. Um problema social não é somente um resultado do mau funcionamento da sociedade, mas pressupõe que algo de novo suscite um debate e que possui duas etapas importantes: o reconhecimento do problema é uma delas, pois torna visível uma situação particular e a produção de novas categorias de percepção do mundo social. A legitimação desse fato, em determinado espaço social, pressupõe a promoção para inseri-lo no campo das preocupações sociais do momento.

A reestruturação produtiva, como já descrevemos, surge como um antídoto à crise representada pelo sistema de produção fordista, entretanto, ao ser implantado esse regime de produção, a importante ação estava em suplantando as organizações trabalhistas espalhadas pelo mundo, reservando a condição que levou ao enfraquecimento dos sindicatos.

Mas o reconhecimento como problema no ato da implantação da reestruturação produtiva na indústria se encontrava de uma maneira mais precisa nas transformações que se deram no âmbito das relações de trabalho. Medidas como a introdução da microeletrônica, robótica, reconfiguração de padrões hierárquicos, intensificação do processo de trabalho e sobreposição, assim como a responsabilização maior das atividades no ambiente fabril em relação aos operários deram a tônica da transformação.

A maior consequência para o mundo do trabalho desse conjunto de novas ações gerou um contingente de desempregados jamais visto anteriormente e que se expandiu, primeiramente nos países difusores da ideia de flexibilização das relações

de trabalho (EUA, Japão e Europa) para, mais tardiamente, bater na porta de nações mais frágeis economicamente, como no caso o Brasil.

Aos trabalhadores restou uma intensa reformulação, recaindo uma série de novos condicionamentos que, ao longo desse processo, vem se desenvolvendo no Brasil desde o início dos anos 1990, e, no estado do Paraná, nas empresas pesquisadas, evidencia-se, com mais nitidez, a partir dos anos 2000.

Surgido no espaço fabril, o reconhecimento e, por conseguinte, a legitimação da reestruturação produtiva como algo que proporcionaria mudança significativa nas relações sociais em seu mais amplo aspecto, prejudica a condição do sujeito operário, ficando com o ônus dessa transformação, pois em todas as entrevistas realizadas nas duas empresas, não houve nenhum operário que tenha deixado de mencionar elementos que simbolizassem o momento pelo qual passa a produção fabril no Paraná e suas consequências para a saúde do soldador nessas empresas de alto rendimento.

Elementos que sustentam essa constatação, nessas empresas de alto rendimento, sempre tinham uma correspondência como a intensidade do trabalho a ser realizado, e o principal elemento que caracteriza esse novo sistema produtivo se refere ao simples fato de que os soldadores se sentiam afetados, de forma negativa, pela nova forma de produção, sejam eles meros trabalhadores submetidos ao estágio probatório no ofício até aqueles sujeitos que deram início ao setor de solda nas referidas empresas pesquisadas.

Um exemplo contundente dessa afirmação diz respeito à empresa B e à maneira como ela opera como condição de trabalho em detrimento ao soldador. Em entrevista, um profissional afirma que, no período de uma hora, em condições normais de produção, 24 carros são produzidos, chegando ao ápice produtivo o número de 30 carros. O importante, entretanto, nesse momento, não é a quantidade de veículos produzidos, mas sim o efeito causado pela aceleração da produção nesse trabalhador, pois, fisicamente, os soldadores se tornam atletas para suportar o ritmo de trabalho como afirma o soldador:

Faço um reforço (...) Que dê uma paradinha, eu tô me esticando, tô fazendo alongamento, eu faço academia de musculação, eu viso muito também o movimento mais certinho, que não possam causar dano, então eu faço muito alongamento em casa e no intervalo lá na empresa também. (sic) (SILVA JARDIM, 2007. Entrevista nº 5 com soldador de produção, em montadora de veículos, 13 novembro 2007).

O lado psicológico também é afetado, no processo de intensificação produtiva, no ambiente da solda, como esse mesmo soldador relata :

Olha (...)você lembra o que aconteceu no trabalho, algum erro que você cometeu ou de repente você esqueceu de dar um ponto em algum lugar, você acaba lembrando. Eu já cheguei a sonhar que estava trabalhando. *(sic)* (SILVA JARDIM, 2007. *Entrevista nº 5 com soldador de produção, em montadora de veículos, 13 novembro 2007*).

Dessa maneira, podemos inferir que, por mais repressor que seja o setor industrial atualmente, ao haver o controle mais específico dos fluxos produtivos através do incremento tecnológico, há a sensação negativa que permeia todo o processo, contudo, o sujeito soldador, ao mesmo tempo em que se submete ao regime produtivo flexível, busca novas formas de resistir a este processo.

### 3.2 TRATANDO O SUJEITO SOLDADOR SOB UMA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA

A primeira dificuldade percebida, no decorrer do estudo, reside no fato de estarmos diante de representações preestabelecidas do objeto em análise, que, de certa forma, induzem à maneira de apreendê-lo, por isso defini-lo é fundamental. Distanciarmo-nos das pré-noções que envolvem o fenômeno da reestruturação produtiva é o primeiro passo para a dimensão mais adequada do objeto em estudo: o sujeito soldador no atual estágio da era moderna. Não tanto a complexidade inerente ao objeto foi obstáculo neste estudo, mas as condições sob as quais funciona o campo. Como atuam os sujeitos nesse campo de trabalho? Compreender o trabalho dos soldadores e apreender como atuam são questões que acabam por assumir relevância, configurando-se na construção do objeto de um estudo sociológico.

Na literatura das ciências sociais, o termo indivíduo é usado como sinônimo de pessoa ou ser humano singular, e a polêmica que envolvia ambos os termos arrastou-se por todo o século XIX e XX. A distinção entre indivíduo e sociedade se faz necessária e se constitui como um problema epistemológico central da disciplina sociológica (NOVAES, 2000, p.16).

Atualmente, a concepção mais aceita está na ideia de que o gênero humano é biologicamente igual e seu caráter e natureza determinados pela cultura da sociedade em que vive. Os fenômenos sociais têm existência própria e não podem ser reduzidos ao nível individual, nem redutíveis a fatos físicos ou psíquicos, por serem fenômenos *sui generis* com substantividade e princípios próprios, como recomenda Durkheim (2003). Sendo assim, considerar o homem isoladamente é mera ficção, mas, ao mesmo tempo, tanto a sociedade quanto a cultura são formadas por seres humanos, e os fenômenos sociais são resultados de combinações das ações humanas.

Para romper com a referência que levam os dois termos (indivíduo e sociedade) a parecerem simples opostos, Elias (1994) oferece uma série de argumentos que combatem essa condição dual que envolve as noções. Considerando um nível mais profundo, indivíduo e sociedade são igualmente desprovidos de objetivo, e isso implica dizer que há uma interdependência entre ambos, ou seja, nenhum vive sem o outro. Em síntese, eles simplesmente existem, o indivíduo na companhia de outros, assim como a sociedade ligada à ideia de uma sociedade de indivíduos.

Valendo-se da analogia como efeito ilustrativo da questão abordada no que diz respeito ao indivíduo e à sociedade e com a falta de uma significação mais exata, utilizamos a relação existente entre as estrelas, que, juntas, formam o sistema solar, ou os sistemas solares que formam a Via-Láctea. Essa existência não-finalista dos indivíduos em sociedade é o material, o tecido básico em que as pessoas entremeiam as imagens variáveis das duas perspectivas, a social e a individual.

A relação entre os indivíduos e a sociedade é algo singular, além de não encontrar analogia em nenhuma outra esfera da existência. Apesar disso, ao observarmos a relação entre as partes e o todo, em outras esferas, pode auxiliar-nos nesse aspecto. Por exemplo: não se pode compreender uma melodia examinando-a em suas notas separadas sem relacioná-las, portanto, o real interesse está na relação estabelecida entre as diferentes notas.

Sendo assim, ao nos referirmos ao tema – soldador no ambiente de trabalho em mudança – devemos começar pensando na estrutura do todo (o contexto de reestruturação produtiva, a unidade fabril, o setor automotivo) para compreendermos a forma das partes individuais (os trabalhadores). Assim, para compreender os fenômenos ligados ao indivíduo e à sociedade, “é necessário desistir de pensar em

termos de substâncias isoladas únicas e começar a pensar em termos de relações de funções” (ELIAS, 1994, p.25).

Como toda a empresa de ponta, a organização do trabalho apresenta-se em forma de equipes e a relação estabelecida entre supervisores e soldadores se situa numa relação de complementaridade, tendo, por fim último, a produção. São, portanto, características desse modelo de produção flexível: a interdependência dos trabalhadores e uma espécie de suavização dos padrões hierárquicos.

Trata-se, historicamente, da crescente divisão de funções, capitaneada por grupos organizados. No curso da história ocidental, seja na implantação da moeda em tempos remotos, em outro, o desenvolvimento de máquina que gerou uma maior produtividade do trabalho, elevando, assim, o padrão de vida de um contingente, cada vez maior, de trabalhadores houve em momentos específicos mudanças nas tarefas de trabalho. Para a transformação e a expansão do regime de acumulação flexível, houve a necessidade de existência de um excedente populacional passível de aluguel a preço baixo no mercado de trabalho, prática essa difundida por grupos de empresários, exigindo um equilíbrio de forças não planejadas ou criadas por indivíduos isolados.

Esse fenômeno foi descrito como forças reticulares que, no curso da história ocidental, alteraram a forma e a qualidade do comportamento humano, impelindo o homem em direção à civilização. Essas mudanças “têm origem, não na natureza dos indivíduos isolados, mas na estrutura da vida conjunta de muitos. A história é sempre história de uma sociedade, mas, sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos” (Ibid., p.45).

Podemos avaliar essas práticas pela maneira com que as tensões emergem em uma sociedade em radical mudança, seja pela competição entre trabalhadores, seja pela formação de monopólios centralizados da parte do capital. Nesse sentido, o processo da crescente divisão do trabalho pode seguir uma ordem muito bem delineada, ao longo de gerações, sem que seu rumo efetivo seja planejado, ou sistematicamente, executado por pessoas singularizadas.

Não existe uma fórmula geral que indique a margem de decisão individual numa rede social, em qualquer fase da história e nos diversos tipos de sociedade. A margem de decisão acessível ao indivíduo está na dependência da estrutura social, como podemos observar no caso do soldador, que vive e age como trabalhador

formal de uma empresa multinacional, cujo seu desempenho está atrelado a uma série de condicionamentos de uma empresa de alto rendimento.

Essa contingência encontra significado na forma como está estruturada a sociedade, neste início de século, pautada por relações sociais mediadas por um padrão técnico jamais visto em qualquer época, em que trabalhadores devem colocar em painéis o seu estado de humor, denotando o controle sobre o seu estado de ânimo o que constitui numa violação que transcende a condição de trabalho. Esse sentimento de desconforto, compartilhado pelos operários, emerge sob o signo de uma especialização flexível.

No que diz respeito ao novo conteúdo que envolve o mundo do trabalho no Brasil, onde a reestruturação produtiva está representada em uma década de transformações, somando-se a convivência com o modo produtivo caracterizado pelo fordismo e mesmo em uma fase de transição e de coexistência de maneiras de produzir, a possibilidade de domínio sobre o sujeito ainda não foi totalmente alcançada, pois até a função social do escravo deixou algum espaço, por estreito que seja para decisões individuais.

Várias vezes, o jogo de sentido que se estabelece a respeito da determinação do indivíduo e da sociedade assume caracteres opostos: uma perspectiva diz que “tudo depende do indivíduo”, e outra, que diz respeito à dinâmica do mundo social, submetida às regras da sociedade. A rigor, desfazer essas alternativas é a chave da questão e encontra amparo real no modo como uma pessoa decide, age e desenvolve-se nas relações com outras pessoas, numa modificação de sua natureza pela sociedade. Mas o que se molda não possui caráter eminentemente passivo, ou seja, não é uma moeda sem vida, cunhada como milhares de moedas idênticas e, sim, o centro ativo do indivíduo, a direção pessoal de sua vontade; numa palavra, seu verdadeiro eu (Ibid., 1994, p.49). Existe, portanto, uma autoregulação entre a noção de indivíduo e a de sociedade, pois da mesma forma que o indivíduo é moeda também é matriz, ou seja, uma pessoa pode ter mais funções de matriz do que outro, contudo é sempre moeda (Ibid., p.52).

Ocorre que as duas concepções, objeto dessa análise – indivíduo e sociedade – têm uma base comum que se fundamenta na discussão de ser o social aquilo que é idêntico ou típico entre diversas pessoas, enquanto o que singulariza e diferencia uma pessoa das demais é um elemento extra-social, atribuído a uma origem biológica ou metafísica, conforme as necessidades.

A individualidade, como expressão de um núcleo extrasocial dentro do indivíduo, está ligada, por sua vez, a uma vida íntima específica e historicamente determinada. Essa noção está conectada à tensão entre funções de ego e superego<sup>9</sup> de um lado, e às funções instintivas, de outro, e que em nenhuma sociedade está completamente ausente, no entanto, se mostra intensa e difusa quando o processo civilizador atinge um estágio avançado, na concepção de Elias (1994, p. 53).

O sinal tangível dessa realidade difusa está em um mundo moderno em decomposição. Este momento também se explica pelas novas maneiras de organização do tempo em relação ao trabalho, em que não existe longo prazo nesse contexto marcado pelo advento da flexibilidade.

Sennett (2005) descreve com exatidão a nova ordem produtiva e suas consequências nas relações sociais, sendo que a dimensão do tempo, no novo capitalismo, é algo que afeta a vida emocional das pessoas, inclusive fora do ambiente profissional, também percebido nas entrevistas realizadas com os soldadores.

Na totalidade dos relatos ao perguntarmos para os trabalhadores se sentiam alguma pressão ou mesmo se conseguiam se desligar de suas funções ao término de seus turnos, em ambas as fábricas, as respostas eram muito coincidentes, o que denota a sobrecarga, bem como a sobreposição de tarefas, tal como descritas pela soldadora:

Eu acho que quando eu tinha aquela pressão, quando a gente trabalhava bastante é...eu não conseguia. Já fui uma representante de equipe 'né' e você recebe muitas informações. Às vezes você é cobrado pela tua chefia e você tem que chegar e cobrar alguém. Quando você é mulher isso se torna um pouco mais difícil, porque o cara não quer ouvir de você que está te mandando, não é exatamente mandar, às vezes, você tem que ser mais maleável, saber como falar porque você não sabe como é que ele vai [...] reagir. Eu tinha essas dificuldades, eu falava até para o meu chefe: "olha eu vou dormir com dez homens na minha cama", por que eu ficava com aquilo na cabeça. Hoje já não, 'né', porque eu procuro não me distrair porque o risco é grande! Mas eu procuro me desligar, sim. Eu tive alguns problemas assim, que talvez envolveu um pouco o trabalho, pouco, fora, assim e tive alguns problemas de depressão 'né' e hoje eu tomo alguns remédios e acho que isso 'tá' me ajudando bastante 'né'. Hoje eu procuro me distrair mais, peguei alguns livros pra ler e isso 'tá' me ajudando muito, antes assim foi muito difícil. No momento que eu vivi [depressão] a situação

<sup>9</sup> Ego, na teoria psicanalítica freudiana é a instância do aparelho psíquico que se constitui na experiência do indivíduo, ou seja, responsável pela formação do eu, da personalidade. Superego diz respeito ao conjunto das forças morais e inibidoras que se desenvolvem sob a influência da educação durante o processo de socialização (TOURAINE, 2002, p.220).

eu acredito que foi, porque eu fiquei muito nervosa, eu tremia muito. Segundo o psiquiatra, pode ser alguma coisa já de tempos, poderia ser da época que eu trabalhei demais, poderia e pode ser alguma coisa de fora, também pode, 'né' [...] Eu uso medicamento e hoje eu 'tô' mais 'tranquilo', bem mais tranquila do que eu 'tava' 'né'. Tenho até tipo uma amizade muito grande assim. Hoje eu tenho uma facilidade bem grande de 'tá' brincando, rindo junto com os meninos assim isso é comum, mas já tive sim essas dificuldades e hoje 'tô' bem melhor. (*sic*) (SILVA JARDIM, 2007. Entrevista nº 3 com soldadora de produção, em montadora de veículos, 25 agosto 2007).

Nas entrevistas, observamos a dificuldade com relação ao trabalho no setor de soldagem, com respostas coincidentes acerca dos obstáculos enfrentados no chão de fábrica, contudo, a superação dos problemas apareceu no ato de administrar a pressão, que se revela na fala desses soldadores, como algo ligado ao amadurecimento e ao enfrentamento das novas condições impostas para a realização do trabalho.

A questão que contribui de maneira efetiva ao abordarmos o aspecto individual em termos sociológico, se torna visível na medida em que a conotação dada à individualidade é uma peculiaridade das funções psíquicas, uma qualidade estrutural de sua autoregulação em relação a outras pessoas e coisas. Ao afirmarmos que nos relatos as respostas foram semelhantes, queremos dizer que a mesma sobrecarga de trabalho produziu efeitos nocivos, ainda que distintos, nos operários. Sociologicamente, a relação estabelecida entre os problemas individualizados tem como ponto irradiador uma forma nova e especial de produção, no caso, ligada à atividade industrial automotiva mais intensa em períodos específicos e impulsionados pela demanda.

Por outro lado, a sociedade, com sua regularidade, não é nada externa aos sujeitos, pois ela é aquilo que todo sujeito quer dizer quando menciona “nós” ; no entanto, esse “nós” não passa a existir porque um grande número de pessoas isoladas que dizem “eu”, “você”, “ele”, “ela”, “nós” e “eles” são independentes. Nenhuma delas existe sem as outras. A função do “nós” inclui todas as demais.

Comparado ao que podemos chamar “eu”, ou até “você”, é apenas parte, segundo Elias (1994, p. 57). Esse ato de o “eu” estar irrevogavelmente inserido num “nós”, finalmente esclarece que a interpolação dos atos, plano e propósitos de muitos “eus” origina constantemente algo que não foi planejado, pretendido ou criado por nenhum indivíduo, em síntese, isso significa dizer que aquilo ao qual chamamos de “nós” tem mais força que o “eu”.



Em virtude das questões abordadas que envolvem os respectivos conteúdos de sociedade e sujeito, podemos dizer que a sociedade humana avança por um padrão de comportamento de nossa configuração psicológica e não por um somatório de pessoas particulares. Dessa forma, o foco pretendido não é empreender uma batalha contra o orgulho da ideologia modernista, tampouco a proposta de destruição da ideia de modernidade, mas constatar a dissociação do sistema de atores do mundo técnico ou econômico em relação ao mundo da subjetividade.

Por isso, a definição de sociedade e de sujeito e o grau de influência, estabelecido nas relações sociais nas indústrias modernas de produção flexível, podem indicar caminhos para a compreensão do espaço individual de atuação dos soldados e das imposições ligadas ao mundo corporativo, dado o controle excessivo sobre os trabalhadores, em Curitiba e Região Metropolitana.

Como foi discutida, no capítulo anterior, a armadilha paradoxal da era moderna, ao propor a liberdade de pensamento coíbe o sujeito em seu livre arbítrio, tem por decorrência histórica uma modernidade que se caracteriza pela emergência de atores sociais e culturais que se empenhem num ideário de fé nessa modernidade e sua racionalidade. Nessa perspectiva, uma situação contraditória é percebida: a inexistência de uma modernidade sem racionalização, como também sem formação de um sujeito no mundo que seja responsável por si e pela sociedade. Todavia, temos a impressão da imagem da modernidade como a de um vazio, de uma economia fluida, de um poder sem centro, em que a sociedade se baseia mais na troca do que na produção o que, em síntese, significa uma sociedade sem atores (TOURAINÉ, 2002, p.215).

Dessa forma, quanto mais entramos na modernidade, mais o sujeito e os objetos se separam, uma vez que estavam confundidos nas visões pré-modernas, da mesma forma que na sociedade tradicional o homem estava ligado a forças impessoais, à dimensão do sagrado ou a um destino sobre o qual não podia interferir; principalmente em relação à sua ação, na qual só pode tender a se conformar com uma ordem estabelecida.

Se no início do século XXI o sentimento mais presente no mundo social é o de desfragmentação, como recriar a mediação entre a economia e cultura, tendo em vista haver uma nítida separação de redes e coletividades e, somado a isso, um lento trabalho de socialização realizado, por exemplo, entre a família e a escola?

Essas são questões que suscitam atenção por parte dos cientistas sociais, pois esses fenômenos ainda não foram suficientemente avaliados e acabam por impedir uma caracterização mais precisa do momento atual pelo qual passamos.

A relação que se estabelece nessa desfragmentação pela qual passa a sociedade moderna aponta para o surgimento de atores sociais que busquem caminho alternativo de mudança, uma vez que recriar a mediação entre economia e cultura, com o nítido objetivo de fortalecimento de laços na construção de uma sociabilidade mais digna para o ser humano, passa obrigatoriamente pela educação.

Essa condição significa dizer que a nossa cultura ocidental, baseada na racionalidade puramente instrumental, não comanda mais a atividade técnica e econômica. Cultura e economia, mundo instrumental e o mundo simbólico separaram-se. Por isso, não é a mudança acelerada dos comportamentos que se deve perceber, mas a fragmentação crescente da experiência dos indivíduos, em que o ego, responsável pela formação do eu e da personalidade dos sujeitos, perdeu a sua unidade, ou seja, tornou-se múltiplo (TOURAINÉ, 2003, p.85).

A dificuldade de comunicação e a radicalização de posicionamentos são situações muito próximas na realidade atual, em que a relação direta que elimina as mediações entre o sujeito e a humanidade corre risco, havendo assim um movimento de dessocialização. Assim sendo, temos a definição dos sujeitos e dos grupos por suas relações sociais se enfraquecendo, em que o campo da sociologia tem como objeto explicar as relações sociais nas quais os atores estão implicados.

Há algumas décadas, para compreender uma sociedade, procurávamos definir suas relações sociais de produção, seus conflitos, seus métodos de negociação. Atualmente, temas como globalização, exclusão e distância social crescente em relação à concentração de capital é objeto de análise, ao invés de estudos baseados em escalas sociais de qualificação, de renda, de educação ou de autoridade; hoje o imperativo está na substituição desta visão vertical por uma visão mais horizontal.

A crescente dissociação entre o universo simbólico, a economia e as culturas, encontra-se no poder cada vez mais difuso de ações estratégicas cuja finalidade não está em criar uma ordem social, mas acelerar a mudança, o movimento, a circulação dos capitais, dos serviços e das informações. O poder não é mais do soberano que impõe as decisões arbitrárias, nem mesmo do capitalista que explora o assalariado;

é o poder do inovador estrategista ou do financista, que conquistam um mercado ao invés de governar ou administrar um território.

Uma alternativa plausível de realização diz respeito a uma combinação que envolva instrumentalidade e recuperação de uma identidade entre a técnica e o elemento simbólico. Nesse sentido, referimo-nos a algo como o projeto de vida pessoal, em que o desejo de cada um não se reduz a uma experiência difusa traduzida por um conjunto descontínuo de respostas às estimulações do meio social. Esse anseio tem a ver com o esforço de resistir à divisão da personalidade, favorecendo a mobilização de uma experiência e uma cultura em atividades técnicas e econômicas, de forma que uma série de situações vividas origine uma história de vida individual e não somente um conjunto incoerente de acontecimentos.

Portanto, o ponto de apoio sugerido nesta dissertação está na leitura de um mundo social em permanente mudança, na qual o esforço do sujeito para transformar experiências vividas em construção de si, como o veículo de um lugar melhor para viver e trabalhar, se torna o combustível para a realização desse sujeito em análise. O quadro reflexivo empreendido no esforço do indivíduo em se tornar ator, aqui o sujeito da ação, não se confunde nem com conjunto de experiências, nem tampouco, como um ser superior que guiaria o indivíduo e lhe daria uma vocação, converge com a perspectiva do sociólogo Alain Touraine (1998, 2002).

Seguindo a conceituação de sujeito, adotada nesta dissertação, o referido termo não tem outro conteúdo que não seja a produção de si próprio, não servindo a nenhuma causa e valor, ou outra lei que não seja a sua necessidade e seu desejo de resistir ao seu próprio desmembramento num universo em movimento, sem ordem e sem equilíbrio (TOURAINÉ, 1998, p.23-24).

Acreditando na possibilidade da transformação do indivíduo em sujeito, e isso só sendo possível através do reconhecimento do outro como sujeito, à sua maneira, abre-se uma perspectiva de enfrentamento para entendermos essa fase de transição, principalmente no que se refere ao mundo do trabalho. Dessa forma, o sentido principal está em colocarmos a ideia de sujeito como centro da nossa reflexão, assumindo o ônus de tentar compreender uma época pautada por um nível de exigência diferenciado, intenso e desgastante, que envolve todos os trabalhadores e, principalmente, os soldadores de Curitiba e Região Metropolitana. O devaneio que consistia em submeter todos os indivíduos às mesmas leis

universais da razão, da religião ou da história demonstrou ser um engodo, servindo como instrumento de pura dominação.

Não serve o simples aspecto de nos resignarmos com a situação vigente, ou seja, nos adaptarmos passivamente a uma sociedade e a uma cultura de massa através das quais se escondem forças reais de dominação, que devem ser identificadas. A escolha, frente à contingência atual, não está na defesa de uma ordem pretérita como o Estado de bem-estar ou de um socialismo engajado, porém desbotado, mas em conceber e edificar formas de vida coletiva e pessoal que venham a salvaguardar um precioso bem, desenvolvido pela história humana, que é o direito ao trabalho e à vida digna sem a imposição do mercado.

As dificuldades de emancipação desejada por muitos pensadores fizeram com que grande parte deles optasse pela morte do sujeito na modernidade. Dessa maneira, conteúdos que envolvem um princípio de inteligibilidade, fomentado por concepções religiosas, filosóficas e políticas do século XIX, é o ponto de partida para Touraine, para quem, ao invés do desaparecimento das filosofias do sujeito, há o surgimento da ideia de sujeito pessoal, sendo esse o ponto central de desmoronamento das concepções de uma ordem no mundo moderno.

Vale salientar que o indivíduo aqui descrito, e aí está inclusa uma reflexão acerca da condição do soldador em um regime flexível, só é sujeito pelo domínio de suas obras, que a ele resistem. Essa resistência se configura como positiva na medida em que é também racionalização, pois a razão também é instrumento de liberdade. Encontramos amparo nessa constatação, principalmente, na empresa B, onde o ritmo de trabalho foi se intensificando, fazendo com que os soldadores se percebam na condição de suprir as demandas da produção como vemos a seguir:

O ritmo de trabalho de um soldador na montadora é um trabalho muito cansativo, muito repetitivo, porque você tem um tempo pra fazer a solda, porque quando você acaba de soldar um carro já tem um outro atrás esperando pra vim pra frente. [...] Sou soldador há nove anos [...] o ritmo de produção da empresa quando eu entrei lá, como a empresa 'tava' começando, 'tava' ajustando equipamento, então a produção era uma produção mais baixa [...] uma produção mais baixa como a gente não tinha experiência automotiva no Paraná, então a gente também tava começando aprender, por mais que eu já trabalhava com solda, mas não solda automotiva, solda automotiva ela é uma solda diferente da solda de outro tipo de empresa, então [...] a gente começou na empresa com um ritmo de produção de cinquenta carros por dia, por turno, depois foi pra setenta, cento e cinquenta, hoje por turno é feito duzentos e noventa 'carro'. (sic) (SILVA JARDIM, 2008 Entrevista nº 7 com soldador de produção, em montadora de veículos, 21 de fevereiro 2008).

Em relação à negatividade do domínio de suas funções, o soldador fica em uma condição desfavorável no momento em que essa racionalidade instrumental é colocada como forma de dominação, na medida em que a ausência de diálogo no ambiente de trabalho se configura como algo corriqueiro, como é evidenciado pelo mesmo soldador a seguir:

Me sinto isolado, [...] eles falam ali em time [...] todos os soldadores que eu conheço que trabalham comigo 'nesse' nove anos de montadora e os outros soldadores que prestam serviço dentro da montadora, eles são irritados porque devido ao trabalho[...] é só ele e o fogo da solda o dia todo o turno inteiro de trabalho. Então, eu não, eu...todos os soldadores inclusive eu já tive "problema" de *stress*, de depressão, tive de fazer tratamento pra isso, eu sou um cara irritado, sou um cara que não tem muita paciência porque é um trabalho que você, só você e seu trabalho, você não consegue se comunicar com seu amigo, porque você 'tá' com máscara na boca, respirador, você 'tá' com máscara na cabeça entendeu? É...você e seu trabalho, é o turno todo você não consegue conversar, você não consegue dialogar com seu amigo, é somente você e aquele fogo ali na sua frente, então eu me sinto assim no meu trabalho [...] sem paciência, assim...irritado. (sic) (SILVA JARDIM, 2008 Entrevista nº 7 com soldador de produção, em montadora de veículos, 21 de fevereiro 2008).

A visualização de um dos aspectos mais prejudiciais da condição de trabalho representada pela pressão, fez com que um assunto considerado tabu pela sociedade, como é a questão do suicídio e sua veiculação através da mídia fosse superado, dado a incidência e a mobilização dos trabalhadores a respeito das condições de trabalho no setor de produtivo, cujo nível extenuante exaure as pessoas, física e psicologicamente levando-as a medida extrema de por fim a própria existência, como ocorreu em uma área específica do setor gerencial de uma empresa de alto rendimento. (O Estado de São Paulo, 06 de maio de 2007) ANEXO A

Retomando os trabalhadores no Paraná, a via de duas mãos estabelecida pela positividade empregada pelos soldadores na empresa A, assim como a carga desfavorável de trabalho imposta pela empresa B, encontra sentido com o que mencionamos anteriormente quanto à margem de decisão individual desses trabalhadores, estando estruturada nesse início de milênio pela mediação das relações sociais ao se impor um padrão técnico de exigência jamais visto na história moderna.

Assim, frente a imposição de uma nova dinâmica social, apresenta-se o combate travado em nome de um sujeito que possa ser, ao mesmo tempo,

consciência universalista de liberdade e vontade de existência, experiências e memórias vivas num trajeto de vida particular. Daí a valorização de um trabalho coletivo, cujas práticas no passado se apresentavam ritualizadas e entrelaçadas com a estruturação da vida dos indivíduos e das coletividades.

Ao perceber o desenvolvimento industrial como processo, aspectos como o sindicalismo, no século XIX, que se originou de uma tradição ou organização de ofício e, provavelmente, tal ritual tenha nele penetrado, elementos determinantes na noção de pertencimento a uma categoria profissional eram constantemente fortalecidos. Dessa maneira, afirma Hobsbawm (2000, p. 103), “os homens que formavam organizações operárias eram, em grande parte, trabalhadores em ofícios especializados, educados e socializados na tradição do ofício e, neste sentido, estas tradições ajudavam a moldar as do trabalhismo”.

Sendo assim, a intenção dos trabalhadores, em grande parte do século XX, era fomentar nos sujeitos o sentido de coesão social, viabilizado pelas ocupações profissionais e cotidianamente alimentado no ambiente de trabalho, sendo paulatinamente, suplantada por novos arranjos econômicos e políticos, deliberados pelos gestores do capital e, por conseguinte, do mercado. A consequência desse processo é a perda da representação da classe trabalhadora no cenário social, em relação às grandes discussões, como os embates, principalmente, político-ideológicos.

A retomada de uma condição de sujeito e que este possa emergir no meio social, mas principalmente salientando a ideia de sujeito que “(...) se destrói a si mesma se confundida com o individualismo” parece ser até o momento a alternativa mais plausível no enfrentamento, por exemplo, das condições impostas aos trabalhadores que ainda ocupam o espaço fabril de produção (TOURAINÉ, 2002, p. 242).

Com a presença de fenômenos ligados principalmente à flexibilidade das relações sociais mediadas pela tecnologia – que promove o controle sobre o indivíduo, – há uma defasagem explicativa da análise sociológica clássica. Com o abalo sofrido, de um lado, pela nação-comunidade e, por outro, pela internacionalização do comércio, a nação dos cidadãos se enfraquece permitindo uma desvalorização brusca da esfera política e torna inviável a articulação entre uma economia mundializada e o aspecto cultural, aqui representado pela carga identitária que envolve as comunidades locais.

A degradação advém de uma sociedade de produção que se transforma em sociedade de mercado, ao mesmo instante em que a identidade pessoal se fecha na identidade comunitária. Da mesma forma que houve a degradação da racionalização, desde sua concepção pelos iluministas, e a noção de sujeito foi dominada por ideologias totalitárias, no século XX, com a pretensão de criar um novo homem e uma nova sociedade, presenciamos, nesse início de milênio, a disciplina imposta aos corpos e ao domínio da mente, como se fosse a última cidadela a ser derrubada em benefício do controle técnico-científico sobre o trabalho, no caso, o dos soldadores.

Touraine ao concluir que a modernidade estaria agora consumada e que a concepção moral de haver a libertação do ser humano pelas conquistas da razão e da técnica, como proposta e principalmente desejo iluminista, não se verificou na medida em que entramos em contato com a realidade do século XXI, pois o progresso técnico-científico aprisionou o sujeito trabalhador moderno em um contexto opressivo e dinâmico na relação homem/trabalho.

O autor se contrapõe à visão pós-moderna, mas salienta duas afirmações que são complementares e não opostas: uma de que o sujeito resiste às normas sociais, e outra estritamente relacionada às sociedades modernas, em que o sujeito toma consciência de si, cessa de projetar-se numa figura divina ou numa comunidade com seus mitos e heróis, e se afirma cada vez menos social ou cosmologicamente (TOURAINÉ, 1998, p.109). Tal argumentação nos permite compreender a perspectiva sociológica em seu conjunto, ao analisar as transformações do sujeito e de suas relações, ao mesmo tempo, com os sistemas de poder e os desejos individuais, à medida que cresce a historicidade das sociedades e coloca em xeque a capacidade de defesa e organização dos trabalhadores.

Nesse sentido, a maneira como o soldador atua no ato de produzir veículos e, especialmente, frente à crescente demanda em 2007 e no ano de 2008, além da observação da forma como se fundamentam os sistemas de poder que podem entrar em choque com os desejos individuais do trabalhador, perguntamos a eles o que seria um trabalho ideal. As respostas circularam, em parte, em sua identificação como ser humano, em parte, denotando consciência de seus papéis sociais, num misto de recusa e admiração ao triunfo da racionalização, da tecnologia e das estratégias do capital.

### 3.3 O SUJEITO FLEXÍVEL E O CARÁTER INVASIVO DA SUA SUBJETIVIDADE

A forma de organização do saber está inscrita na indústria pela informatização nos meandros do processo produtivo, que organiza, mas, fundamentalmente, pressiona os modos de subjetivação do trabalhador moderno. O conceito subjetividade, etimologicamente, origina-se do latim *subjectum* e do grego *hypostasis hypokeimeno*, que para a filosofia significa “caráter de todos os fenômenos psíquicos, enquanto fenômenos de consciência, que o sujeito relaciona consigo mesmo e chama de *meus*” (ABBAGNANO, 2000, p.22).

Na existência de fortes e fracos, dominantes e dominados, há relações na qual o elemento moral está ausente. O elemento desproporcional, nessa relação de forças, referindo-se em termos de trabalho, faz emergir o indivíduo na condição de sujeito em um ambiente industrial em regime flexível. Assim, discutir a subjetividade nas suas conexões com o trabalho implica entendermos os processos através dos quais as experiências do trabalho acabam por identificar modos de agir, pensar e sentir, evocando a conexão entre diferentes elementos, valores, necessidades e projetos.

Nesse sentido, torna-se fundamental a abordagem à maneira predominante como os sujeitos se relacionam com a regra, bem como se vêem obrigados a cumpri-la, reconhecendo-se ligados a essa obrigação. A análise busca a compreensão da maneira como cada indivíduo age e reage em um mundo em que a dimensão do “eu” é capturada por um discurso do “nós”, não deixando espaço para determinações individuais de uma genuína emancipação humana.

A lógica do poder disciplinar, identificada na implantação do taylorismo/fordismo, foi temporariamente suplantada no que diz respeito à resistência e inventividade na criação de contra poderes, tendo na modernidade o papel da coletividade dos trabalhadores, em meados do século XX, um dos capítulos mais esplendurosos.

A forma de gerir as relações de trabalho modificou-se e houve reordenação do capitalismo, em sua fase de acumulação flexível, delineada por Harvey (2003). A globalização e desdobramentos no mercado afeta os modos de subjetivação contemporâneos, na medida em que o sujeito, de acordo com Touraine (2002-2003), tem que se sobrepôr a uma dupla pressão: de um lado, a totalização disciplinar com



o regime de produção extenuante e de outro a vigilância instantânea nos ambientes de trabalho que invadem a privacidade, fragilizando os indivíduos.

Toda essa situação se deve principalmente à alteração da base técnica relacionada com o advento da Terceira Revolução Industrial, produto da junção das telecomunicações e informática como elementos difusores da mudança. A forma de gestão da mão de obra e o novo valor moral cristalizam a condição desfavorável do trabalhador, no caso brasileiro, desde a conjuntura econômico-política dos anos 1990, marcada pela liberalização da economia.

Esse cenário traz consigo profundas modificações nos processos de subjetivação mediados pelo trabalho. Nardi (2006, p.53) nos informa que as transformações macrossociais implicam modificações no cotidiano e nas trajetórias dos trabalhadores. O movimento atual do capitalismo acaba por modificar as micropolíticas presentes nos locais de trabalho, apontando para uma configuração do jogo de poder que envolve o Estado, o capital e o trabalho. Por essa razão, a reestruturação produtiva tem impacto nos processos de subjetivação contemporâneos, porque esse fenômeno permeia as relações de trabalho e afeta as relações sociais como um todo.

A Sociologia do Trabalho tem contemplado em suas análises a temática da subjetividade operária, procurando reconhecer o sujeito trabalhador como produto de uma autoconstituição e de uma construção social permanente e recorrente:

É sujeito aquele capaz de produzir a sua própria natureza. Para tal, se organiza e desenvolve consciência de sua situação no mundo, especialmente o complexo mundo do trabalho. É sujeito todo ator "atuante" e, ao mesmo tempo, todo sujeito "que se sujeita", adapta-se às situações (ARAÚJO, 2006, p.42).

Nesse sentido, esse sujeito é aquele que revê posições, pondera, pode reverter situações. É sujeito o que tem o comando e o que é comandado, direta ou indiretamente, como ser social, cultural, datado-homem ou mulher no seu tempo. (Ibid.p.43). É por essa subjetividade que atribuímos direitos ao homem, como também por ela podemos falar da dignidade da pessoa humana. Todavia, pode ser que falar da dignidade humana só tenha sentido quando o homem está dividido. Enfim, entre nós a dignidade humana está radicada no interior do homem. Sendo assim, a questão da subjetividade ultrapassa evidentemente o nível biológico e, por

consequente, o nível material. Não fosse assim, todo ser biológico seria um sujeito, uma subjetividade (FONTANELLA, 1995, p.8-9).

Com isso, quando valores organizacionais hoje moldam os soldadores em suas atitudes, podemos perceber a adaptação ao sistema produtivo flexível desses trabalhadores, levando a uma determinação em relação ao envolvimento de sua subjetividade sempre em nome da produtividade.

Essa situação foi observada na pesquisa de campo, quando indagamos ao soldador como era o seu cotidiano de trabalho e onde ficavam explícitas essas novas formas de produção em sua atividade profissional:

Eu trabalho de volante, volante seria um...um cara que, só se faltar alguém você vai trabalhar, entendeu? Vamos supor, tem o pessoal que trabalha duro mesmo ali, mas eu fico ali meio preparado...se faltar alguém eu cubro a estação do cara, como eu já trabalhei em toda a área da fábrica, eu conheço todas as estações, então qualquer...que faltar eu vou, isso a gente chama de volante, alguns chamam de multifuncional e... eu já chamo de coringa. Na realidade isso é um programa da empresa, só que vai da força de vontade de cada um. Como ninguém trabalha, por exemplo, seis meses, um ano no mesmo lugar, você roda, roda né, então você trabalha um dia... , quando você já 'tá' apto no que você 'tá' fazendo, vamos supor se você faz o assoalho do caminhão, quando você tiver apto ali a fazer todo, você passa pra lateral, depois você passa pro teto, você passa por todas as estações, por que daí você é um cara que [...] onde que precisar 'tá', se acontecer de faltar muita gente você 'tá' ali, você... é a experiência [...] por causa que eu tenho oito anos de casa, então eu já trabalhei em todas as áreas, por isso que... , por exemplo, agora 'entrou' pessoas novas eu ensinei mais ou menos umas oito pessoas a trabalhar, todas em estações diferentes. [...] Quando o teu chefe te avaliar ele vai dizer: pôxa o cara trabalha em todas as áreas, é um cara que... como é que eles falam! Tem um termo técnico que eles falam pra isso, que agora me fugiu, que é um termo que eles falam que cada avaliação [...] você é um cara que trabalha em toda a estação e tal que tem flexibilidade, esse tipo de coisa. (sic) (SILVA JARDIM, 2007. Entrevista nº 2 com soldador de produção, em montadora de veículos, 17 de julho de 2007).

Como acabamos de perceber, o soldador na sua fala apresenta-se como um profissional flexível no exercício do seu ofício. Contudo, se sujeita aos 'estilos de gestão', suporta o ritmo intensificado de trabalho, pressão e responsabilização, que exigem sua sujeição e adaptação aos objetivos da empresa. Torna-se, como salienta Cimbalista (2007, p.11), um indivíduo resiliente, ou melhor, esse sujeito se comporta, resiste em termos de sobrecarga de trabalho a novas atribuições e responsabilidades, tendo como cerne dessa atitude o desenvolvimento da capacidade de adaptação à adversidade.

O engajamento do soldador também foi notado nas entrevistas, assim como o ritmo intenso ao qual estão submetidos esses sujeitos, em que o número de trabalhadores é reduzido, mas, acima de tudo, a competitividade e a produção crescem de maneira aviltante. Para fazer frente a esse conjunto de exigências, é necessário um engajamento total, no qual todas as ações são calculadas e planejadas cuidadosamente pelas novas formas de gestão da força de trabalho. Nesse contexto produtivo, percebe-se nitidamente a pressão no ambiente de produção, como podemos demonstrar na fala de um soldador:

Esta pressão é a linha [...] às vezes você é o próprio maquinário que você 'tá' trabalhando, ele, pode acontecer um problema mecânico, um problema elétrico, um problema operacional porque você 'tá' trabalhando com solda, você depende de colocar arame, esse arame é passado por um conduíte 'pra' você executar a solda, então a máquina tem um 'pograma', que você tem que trabalhar com determinado 'pograma' de solda, às vezes isso acontece de 'da' problema no equipamento e daí você vai ajustar o equipamento vai arrumar, se é operacional, é mecânico tudo bem, você chama o mecânico a responsabilidade é dele, mas se é operacional, daí você como operador, como soldador você vai ter que arrumar o equipamento, daí, a cobrança vem em cima de você, "Oh, 'ta' dando fluxo na linha, tem muito carro parado na linha...Oh, tem que mandar carro pra frente,"nóis" não vamos atingir a meta, tem que sair a meta", então é esse tipo de cobrança que vem em cima, aí você 'ta' trabalhando com carro, carro é lata, você às vezes acaba devido a pressão você acaba erguendo os parâmetros de solda acima pra render mais o teu trabalho, a solda quando você ergue o parâmetro ela esquentar mais como você 'ta' trabalhando com lata ela pode furar, se ela furar aí você tem que voltar o 'pograma' pra baixo, baixa a amperagem da máquina pra poder fechar o espaço que foi aberto na lata. . (sic) (SILVA JARDIM, 2008. Entrevista nº. 7 com um soldador de produção, em uma montadora de veículos, em 21 de fevereiro de 2008).

A pressão além de prejudicar o trabalhador em relação a sua condição física e psicológica, favorece em muitos momentos na linha a baixa qualidade da solda nas carrocerias. Como é praticamente improvável a ausência deste profissional no setor atualmente, conviver com a pressão representada pelo aumento do ritmo do trabalho em muitos momentos é mais um ingrediente da condição indigesta ao qual está submetido o soldador.

Os números ilustram a pressão nos soldadores, pois na linha a condição normal de trabalho na empresa B gira em torno de 24 carros por hora, no entanto, quando há necessidade de ampliar esse número ocorre a seguinte situação:

Eu sinto esta pressão [...] de repente o supervisor desce: "Vamos lá gente, na próxima hora trinta carros" [...] aí é a hora que o supervisor aparece, porque a gente quase não vê ele Daí ele vai operador por

operador [...] eu tenho dois colegas que trabalham num posto atrás, antes de mim, eu dependo da peça deles, daí eles pegam e falam: “Eu não vou fazer trinta, eu vou trabalhar no meu ritmo”. [...] Você já tem que levar a pinça, já batendo o ponto né, normal você põe a pinça no local e dá o ponto, põe no local e dá o ponto e daí você tem... vai já batendo o ponto, aumenta o ritmo.quando ele desce: “Vamo lá, trinta”, mas já passou pra trinta! [...] em setembro, teve uma semana inteira, inclusive nós trabalhamos no sábado naquela semana, foram seis dias trabalhados com trinta e dois carros por hora, entrava às 6h da manhã e ia às 2h e 40m com trinta e dois por hora.Das 9h às 10h, rodou trinta carros, porque precisou rodar trinta, porque estava faltando carro. *(sic)* (SILVA JARDIM, 2007. Entrevista nº. 5 com um soldador de produção, em uma montadora de veículos, em 13 de novembro de 2007).

Em virtude das questões colocadas a respeito do caráter invasivo do que entendemos por subjetividade, os soldadores se encontram em um universo de desconforto e adequação, no que tange ao seu ambiente de trabalho. Nesse sentido, resignar-se e a adotar uma atitude resiliente provoca um conjunto de novas formas de controle sobre o seu trabalho, onde sobre o signo da resistência, almejam dias melhores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise da modernidade e as mudanças relacionadas ao mundo do trabalho sendo encaradas como processo assumem determinadas condições, onde o centro em questão está na figura do homem, sendo aquele indivíduo que realiza e produz, com a correspondência dessa construção estando cada vez mais presente entre a produção e a própria organização da sociedade.

Essa perspectiva encontra forma na busca incessante no ato de produzir com maior eficácia, institucionalizado pelo incremento da tecnologia e da ciência que leva-nos a uma “racionalização” progressiva, onde as condições técnicas e científicas determinam e legitimam o mundo atual.

A importância da Sociologia do Trabalho na sua área mais tradicional (indústria) é significativa, pois ao sustentarmos a tese de que o setor fabril continua sendo um dos laboratórios das mudanças nas relações sociais reforça a nossa escolha em relação ao sujeito soldador como peça essencial para pensarmos as relações sociais em um contexto de reestruturação produtiva.

Sendo assim, a produção flexível no sistema fabril, enquadra-se de forma híbrida no processo produtivo do setor automobilístico em muitos aspectos nas indústrias pesquisadas. No entanto, plenamente atualizada no que diz respeito a questões ligadas à cultura organizacional das matrizes nesse início de século XXI, a principal marca desse período se refere ao elemento hegemônico estabelecido pelo capital em busca de competitividade e lucratividade em detrimento do trabalho humano.

O racionalismo na era moderna, instrumentalizado por meio da ciência e da técnica industrial, gera situações que colocam os soldadores em contato com padrões produtivos jamais vivenciados, devido à implantação nos anos 1990 da

nova lógica produtiva com o advento da microeletrônica e a robotização da linha de produção, permitindo a intensificação do ritmo de produção que culminou com a exclusão de grande parte de trabalhadores de outros setores nessas indústrias.

Anterior e esse processo, as condições para a modificação do panorama fordista é também objeto de discussão. A ineficácia de elementos que permeiam as relações sociais dificultando uma maior coesão do sujeito soldador, e o esvaziamento do caráter explicativo através de categorias como o trabalho, por exemplo, fez com que a capacidade do ser humano tem de apreender, bem como na ânsia de manter a ordem do mundo se tornasse profundamente ineficazes.

E o resultado desse período de crise, conforme desenvolve Bauman (1999b) revela-se como uma sensação de indecisão, de irresolução e, por fim, de perda de controle, algo de difícil aceitação em um ideário concebido como moderno.

Vivemos portanto, a coexistência de sentidos antagônicos: há uma ampla camada da sociedade brasileira que se insere no mundo pelo consumo, ao mesmo tempo em que somos convidados a consumir, mas uma grande parte dessa população não encontra lugar no mundo do trabalho.

Se uma palavra define bem esta fase de transição pela qual passamos nesse início de século, é a palavra ambivalência, em que a síntese desse sentimento foi evidenciada em vários momentos, quando em contato com os soldadores, através da pesquisa, presenciamos nas atitudes ou na fala desses operários a oscilação entre valores diversos, desde estarem felizes pelo rendimento financeiro, dificilmente obtido em outra empresa exercendo o mesmo ofício, até mesmo tristes por verem, na sobrecarga de trabalho, assim como no excesso de responsabilização, o comprometimento da sua saúde física e mental.

A constatação de um sentimento de ambivalência vai ao encontro de uma outra forma de expressar o cotidiano nas empresas, e, que para se manterem produzindo esses operários necessitam transcenderem situações adversas, buscando a superação física e mental diariamente, sendo caracterizado esse sentimento por resiliência. Dessa forma percebemos na fala da maioria desses profissionais uma satisfação ao valorizarem o fato de saberem lidar com a pressão e o alto grau de responsabilização imposto, mesmo que seja sob efeito de medicamentos controlados.

## REFERÊNCIAS

ABBAGANANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas: Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. **Os sentidos do trabalho**. Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. **As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital**. Educ. Soc. , Campinas, 25v, nº 87, p.335-351, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 07 nov. 2007.

ARAÚJO, Sílvia Maria de. **O Trabalho em Tempos de Mudança**. Perspectivas e Desafios. In: CEPAT Centro de Apoio aos Trabalhadores, Curitiba: Gráfica Popular 2006. Ano XII, nº133.

ARAÚJO, Sílvia Maria de. (Org.) **Trabalho e capital em trânsito: a indústria automobilística no Brasil**. Curitiba: Editora da UFPR, 2007, **p.131 – 164/ p.223 – 252**.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999a.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999b.

BAUMGARTEN, Maíra. **Reestruturação produtiva e industrial**. In: CATTANI, Antonio; HOLZMANN, Lorena (Orgs.). **Dicionário de trabalho e tecnologia**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p. 237-239.

BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva, pp.11-71. In: GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. **Modernidade Reflexiva**. São Paulo: UNESP, 1999. p.11-71.

BRIDI, M<sup>a</sup>, Aparecida da Cruz. **Ação coletiva e comissões de trabalhadores em plantas flexíveis: O espaço da política**. Tese de doutorado em sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

CARVALHO, Ruy de Q. **Tecnologia e trabalho industrial**: as implicações sociais da automação microeletrônica na indústria automobilística. Porto Alegre: L&PM, 1987.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. 5<sup>a</sup>.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. A era da informação: Economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 2v

\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede**: A era da informação: Economia, Sociedade e Cultura. 9.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CATTANI, Antonio; HOLZMANN, Lorena (Orgs.). **Dicionário de trabalho e tecnologia**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006.

CHAMPAGNE, Patrick. **Iniciação à prática sociológica**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CIMBALISTA, Silmara. **Subjetividade e resiliência**: o cotidiano adverso do trabalho flexível. Comitê de Interesse/Temática: Subjetividade e Transformação no trabalho. Comunicação Apresentada na ABET, Salvador, 2007.

COMIN, Alexandre. **De volta para o futuro**: política e reestruturação industrial do complexo automobilístico nos anos 90. São Paulo: Annablume: FAPESP, 1998.

CORIAT, Benjamin. **Pensar pelo avesso**: o modelo japonês de trabalho e organização. Rio de Janeiro: Revan, 1994.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1998.

DOMINGUES, José. **Criatividade social, subjetividade coletiva e a modernidade brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1999.

DRUCK, Graça; BORGES, Ângela. Trabalho, flexibilidade e precarização. **Caderno CRH**, nº1, Centro de Recursos Humanos/UFBA, Salvador, 2001. p.111- 139.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **As regras do método sociológico**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003a.

\_\_\_\_\_. **Ética e sociologia da moral**. São Paulo: Landy, 2003b.



ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994a.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Uma história dos costumes**. v. 1 Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994b.

FONTANELLA, Francisco. **O corpo no limiar da subjetividade**. Piracicaba: Unimep, 1995.

FRANCA, Gilberto C. **O trabalho no espaço da fábrica: Um estudo da General Motors em São José dos Campos (SP)**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2003.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GUIMARÃES, A.; AGIER, M.; CASTRO, N. **Imagens e identidades do trabalho**. São Paulo: HUCITEC, 1995.

HABERMAS, Jürgen. **O Discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

\_\_\_\_\_. **Técnica e ciência enquanto ideologia**. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1975. 3v. p.30 -333.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. 12.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

HOBSBAWM, Eric. **Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Caracterização e tendência da rede urbana do Brasil: redes urbanas regionais**. Sul/IPEA, IBGE, UNICAMP/IE/NESUR,IPARDES. Brasília: IPEA, 2000. p.206.

LABARTHE-TORLA, Philippe. **Etnologia-Antropologia**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

LEITE, Marcia. **Trabalho e sociedade em transformação**. Mudanças produtivas e atores sociais. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

LIEDKE, Elida. Trabalho. In: CATTANI, Antonio; HOLZMANN, Lorena (Orgs.). **Dicionário de trabalho e tecnologia**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p. 319-325.

LIMA, J.F; RIPPEL, R.; SATAMM, C. **Notas sobre a formação industrial do Paraná - 1920 a 2000**. UEPG Ci, Soc. Apl., Ling., Letras e Artes, Ponta Grossa, 15 (1) 53-61, jun. 2007.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

MÉDA, Dominique. **O Trabalho**: um valor em vias de extinção. Lisboa: Fim de Século, 1999.

MINAYO, M<sup>a</sup> Cecília de S. **De Ferro e Flexíveis**: Marcas do Estado empresário e da privatização na subjetividade operária. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo – II necrose. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.

\_\_\_\_\_. **Sociologia**: a sociologia do microssocial ao macroplanetário. Lisboa: Europa-América, 1984.

NARDI, Henrique. **Ética, trabalho e subjetividade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

NOVAES, Simone. **A sociologia e o individual**. In: SCAVONE, Lucila; BATISTA, Luis Eduardo. **Pesquisas de gênero**: entre o público e o privado. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, Laboratório Editorial, 2000. p.15-25.

PELIANO, José (Org.). **Automação e trabalho na indústria automobilística**. Brasília: UnB, 1987.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 10.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SILVA JARDIM, Rodrigo. 2006-2008. **Os efeitos da reestruturação produtiva no sujeito soldador paranaense**. (Projeto de Pesquisa) Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba. Pesquisa de Campo.

TAUILE, José R. **Para (re)construir o Brasil contemporâneo: Trabalho, tecnologia e acumulação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

TITTONI, Jacqueline; NARDI, Henrique. **Subjetividade e Trabalho**. In: CATTANI, A.; HOLZMANN, Lorena (Orgs.). **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2006. p. 277-280.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Poderemos viver juntos?** Iguais e diferentes. 2<sup>a</sup>.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

WAGNER, Peter. Crises da modernidade: a sociologia política no contexto histórico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 31, ano 1, jun. 1996. p.29 - 43.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 14.ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

## ANEXO A - Itens de mudança na soldagem de automóveis (empresa B)

**Folha de Operação Standard**

(Análise)

NO DA FOP: JRC 010000FOS 01.1.01... Prazo de aprendizagem

Nome do processo: Montagem e soldagem 45 dias

Nome da operação: Jipe Adrenaline A/B

Nome de segurança: ROTEIRO ALTERNATIVO, CÍRCULOS PARA, SPINACH OU KUNDA, LUBA DE KUNDA, BOMBA CÍRCULOS PARA, AVENTAL NA PNEU

Ferramentas utilizadas: PNEU X" TI, DISPOSITIVO RECULO 1000

Peças utilizadas (ref): A-830031387 C-8300854027

B-8300249205 M-8300049201

No.	Análise da operação	Tempo	Etapa principal	Ponto chave
05	1- FICAR COM OMBROS AS MÃOS	10.05	10.05: MONTAR DOUBURE	
10	2- DOUBURE TIPOE COM A MÃO		3- REFORÇO DA CACHÊ	
15	3- SERRA DENTADA DE BOLA SEM		4- EQUERRE E SUE AR	
20	4- ALIAS, E LA MÃO DIRETA, PARECE		NO DISPOSITIVO	
25	5- TUDO COMO BOLA			
30	6- MONTAR NA DISPOSITIVO SOB			
35	7- PILLAS COM O FIM CILINDRO			
40	8- NO PILETO A ESQUERDA E O FIM			
45	9- DOUBURE NA PILETO A DIREITA			
50	10- DESAR COM A MÃO ESQUERDA			
55	11- EQUERRE FIXATION DE LA ABEL			
60	12- MAIOR O MÁXIMO O CILINDRO			
65	13- CENTRAL			
70	14- VARIAR SOB A EQUERRE FIXATION			
75	15- CENT. NE DA BOUTIER AR			
80	16- FECHAR COM OMBROS AS MÃOS			
85	17- SERRA COM A MÃO			
90	18- DIRETA A SERRA, NO 01			
95	19- SOB O CILINDRO EQUERRE FIXATION			
100	20- PILETO CATER ASS E O CILINDRO			
105	21- ESQUERDA NA SERRA, NO 02			
110	22- E O MÃO DIRETA NA SERRA, NO 03			
115	23- (Explicação das possíveis problemas ou defeitos) Ouve / Pague			
120	24- 1- Proibido Ponto Abaixo. Interferência			
125	25- 2- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
130	26- 3- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
135	27- 4- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
140	28- 5- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
145	29- 6- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
150	30- 7- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
155	31- 8- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
160	32- 9- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
165	33- 10- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
170	34- 11- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
175	35- 12- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
180	36- 13- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
185	37- 14- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
190	38- 15- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
195	39- 16- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
200	40- 17- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
205	41- 18- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
210	42- 19- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
215	43- 20- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
220	44- 21- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
225	45- 22- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
230	46- 23- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
235	47- 24- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
240	48- 25- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
245	49- 26- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
250	50- 27- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
255	51- 28- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
260	52- 29- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
265	53- 30- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
270	54- 31- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
275	55- 32- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
280	56- 33- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
285	57- 34- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
290	58- 35- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
295	59- 36- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
300	60- 37- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
305	61- 38- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
310	62- 39- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
315	63- 40- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
320	64- 41- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
325	65- 42- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
330	66- 43- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
335	67- 44- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
340	68- 45- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
345	69- 46- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
350	70- 47- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
355	71- 48- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
360	72- 49- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
365	73- 50- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
370	74- 51- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
375	75- 52- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
380	76- 53- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
385	77- 54- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
390	78- 55- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
395	79- 56- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
400	80- 57- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
405	81- 58- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
410	82- 59- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
415	83- 60- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
420	84- 61- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
425	85- 62- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
430	86- 63- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
435	87- 64- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
440	88- 65- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
445	89- 66- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
450	90- 67- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
455	91- 68- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
460	92- 69- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
465	93- 70- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
470	94- 71- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
475	95- 72- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
480	96- 73- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
485	97- 74- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
490	98- 75- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
495	99- 76- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
500	100- 77- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
505	101- 78- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
510	102- 79- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
515	103- 80- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
520	104- 81- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
525	105- 82- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
530	106- 83- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
535	107- 84- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
540	108- 85- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
545	109- 86- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
550	110- 87- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
555	111- 88- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
560	112- 89- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
565	113- 90- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
570	114- 91- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
575	115- 92- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
580	116- 93- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
585	117- 94- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
590	118- 95- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
595	119- 96- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
600	120- 97- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
605	121- 98- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
610	122- 99- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
615	123- 100- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
620	124- 101- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
625	125- 102- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
630	126- 103- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
635	127- 104- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
640	128- 105- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
645	129- 106- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
650	130- 107- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
655	131- 108- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
660	132- 109- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
665	133- 110- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
670	134- 111- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
675	135- 112- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
680	136- 113- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
685	137- 114- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
690	138- 115- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
695	139- 116- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
700	140- 117- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
705	141- 118- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
710	142- 119- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
715	143- 120- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
720	144- 121- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
725	145- 122- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
730	146- 123- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
735	147- 124- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
740	148- 125- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
745	149- 126- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
750	150- 127- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
755	151- 128- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
760	152- 129- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
765	153- 130- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
770	154- 131- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
775	155- 132- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
780	156- 133- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
785	157- 134- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
790	158- 135- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
795	159- 136- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
800	160- 137- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
805	161- 138- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
810	162- 139- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
815	163- 140- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
820	164- 141- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
825	165- 142- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
830	166- 143- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
835	167- 144- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
840	168- 145- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
845	169- 146- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
850	170- 147- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
855	171- 148- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
860	172- 149- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
865	173- 150- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
870	174- 151- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
875	175- 152- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
880	176- 153- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
885	177- 154- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
890	178- 155- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
895	179- 156- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
900	180- 157- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
905	181- 158- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
910	182- 159- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
915	183- 160- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
920	184- 161- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
925	185- 162- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
930	186- 163- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
935	187- 164- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
940	188- 165- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
945	189- 166- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
950	190- 167- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
955	191- 168- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
960	192- 169- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
965	193- 170- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
970	194- 171- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
975	195- 172- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
980	196- 173- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
985	197- 174- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
990	198- 175- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
995	199- 176- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			
1000	200- 177- Proibido Soldar Das Ombros. Falha de Aquecimento			

## ANEXO B - Matéria jornalística referente a suicídios na empresa Renault

### Suicídios na Renault - O Estado de São Paulo Fonte: forum da segurança

06/03/2007

SÃO PAULO - Máquinas e funcionários da maior montadora de automóveis da França, a Renault, fizeram uma paralisação ontem, por um minuto, em três das maiores fábricas e escritórios da empresa.

Em silêncio, cerca de três mil trabalhadores, de todos os setores, fizeram uma discreta homenagem a um futuro executivo, morto há quatro dias. A comoção se explica porque o técnico de 38 anos, que era casado, tinha filhos e seria promovido, se suicidou, deixando uma carta na qual explicou a razão do ato mais extremo: O trabalho é duro demais para suportar, justificou na carta.

Chocante o suficiente para abalar seus colegas, o caso do executivo foi além e estremeceu a opinião pública francesa. Trata-se do terceiro suicídio de um funcionário em quatro meses na sede de Guyancourt, na cidade de Yvelines, nos arredores de Paris. Pior: é o quarto em dois anos. O pesadelo das mortes de trabalhadores começou em 2004, com um suicídio que, mesmo trágico, parecia isolado. Em 20 de outubro passado, porém, o problema se agravou. Um engenheiro de 39 anos, um dos responsáveis pelo projeto Logan, atirou-se do quinto andar do prédio envidraçado de Guyancourt. No meio da manhã, em frente a dezenas de testemunhas, o caso terrificou colegas, mas seguia desconhecido do grande público francês.

Na terça-feira, 30 de janeiro, entre 600 e 800 trabalhadores caminharam em silêncio até o ponto do suicídio, para homenagear o colega e despertar a atenção da mídia. No dia seguinte, o corpo de outro funcionário, desaparecido três dias antes, foi encontrado em um espelho d'água no interior da empresa, que só em Yvelines tem 12 mil contratados. Aos 44 anos, um funcionário do centro de documentação técnica do núcleo de desenvolvimento do novo Twingo, automóvel compacto cujo lançamento é aguardado com expectativa pela direção da empresa, foi a vítima da vez. O caso sobressaltou sindicalistas e a mídia francesa, que quebrou o protocolo jornalístico de evitar a divulgação de suicídios e abordou os incidentes em tom de preocupação, sem revelar os nomes dos suicidas, a pedido das famílias e da polícia.

A sequência de tragédias voltou a emocionar a França nesta semana, com a morte do técnico que seria promovido a executivo. Estamos vivendo um grave problema de pressão por resultados na Renault, que se manifesta desde os operários da montadora até os executivos e engenheiros. Tudo tem sido feito sob alta carga de stress, denuncia Philippe Martinez, operário da empresa e delegado sindical da Confederação Geral do Trabalho (CGT), maior sindicato da França. É sempre complicado estipularmos uma relação entre um caso de suicídio e o stress do trabalho, mas casos ocorridos dentro das empresas são emblemáticos.

Estimativas indicam que de 300 a 400 funcionários se matam no interior de companhias na França por ano. Especialistas em psicologia do trabalho apontam que os casos de suicídio dentro da empresa são sintomas de stress profissional. O alerta foi feito pelo psiquiatra Christophe Dejours, um dos maiores especialistas no tema no país, e foi endossado por outra expert, Elisabeth Grebot, pesquisadora da Universidade de Reims. Normalmente, os casos de suicídio em empresas têm relação com sentimento de solidão, de isolamento, de competição excessiva ou de pressão exacerbada por resultados, disse Elisabeth.

É o que, afirmam funcionários e sindicalistas, estaria acontecendo na Renault desde a criação do Contrato 2009, um plano de desenvolvimento implantado na empresa há um ano pelo presidente do grupo Renault-Nissan, o brasileiro Carlos Ghosn. Baseado em metas e resultados, a política visa a aprimorar os resultados financeiros da montadora até 2009, período no qual 27 novos veículos serão lançados, com a missão de reverter a perda de mercado na França. A direção da empresa minimiza o fenômeno e considera os casos fatalidades isoladas, recusando-se a fazer uma reflexão sobre o que está acontecendo, disse Martinez ao Estado. Procurada pela reportagem, a Renault não quis se pronunciar. De acordo com a Assessoria de Imprensa da empresa em Paris, um grupo de trabalho investiga as razões dos suicídios, com o objetivo de evitar que se repitam. Pelo menos duas investigações oficiais do governo francês, uma da polícia e outra da Caixa Nacional de Seguro Social, também apuram possíveis vínculos entre os suicídios.

## **APÊNDICE A - Roteiro de entrevistas**

Universidade Federal do Paraná

Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes - SCHLA

Departamento de Ciências Sociais - DECISO

Mestrado em Sociologia

Aluno: Rodrigo Silva Jardim

### Entrevista com Soldadores – Roteiro

- 1) Qual é a sua origem familiar? Seus pais eram ou são operários como você?
- 2) Qual foi seu primeiro emprego e quando começou a trabalhar?
- 3) Como você escolheu essa profissão? Como você se vê em seu trabalho?
- 4) Como você avalia o trabalho em sua vida e o que seria um trabalho ideal para você?
- 5) Quais são as atividades que você realiza no seu trabalho? Como é que se desenvolve a soldagem, ou seja, como é o seu cotidiano na empresa?
- 6) Como é a relação entre vocês soldadores?
- 7) Como é a relação com seus superiores? Como eles interferem no seu trabalho?
- 8) Você é reconhecido pelo seu trabalho?
- 9) Você sente pressão na sua profissão, quando ela se torna mais evidente, em que situações mais específicas?
- 10)Alguma vez você ficou doente por conta do trabalho?
- 11)Quando você sai da empresa, você consegue se desligar do trabalho?
- 12)Você se sente seguro para planejar o futuro?